



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

MARIA JOSÉLIA DE OLIVEIRA

MEDIAÇÃO BIBLIOTECÁRIA NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS
DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

FORTALEZA, CE
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerado pelo sistema com os dados fornecidos pela autora

O48m Oliveira, Maria Josélia de.
Mediação bibliotecária no desenvolvimento de competências durante o estágio supervisionado/
Maria Josélia de Oliveira. – 2017.
81 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Giovanna Guedes Farias.

1. Bibliotecário. 2. Mediação. 3. Desenvolvimento de competências. 4. Estágio supervisionado. 5.
Formação acadêmica. I. Título.

MARIA JOSÉLIA DE OLIVEIRA

**MEDIAÇÃO BIBLIOTECÁRIA NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS
DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias

FORTALEZA, CE
2017

MARIA JOSÉLIA DE OLIVEIRA

**MEDIAÇÃO BIBLIOTECÁRIA NO DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS
DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias

Aprovada em: ___/___/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Giovanna Guedes Farias (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Gabriela Belmont de Farias (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jefferson Veras Nunes (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Isaura Neusivânia Sombra Oliveira (Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

*Ao Quarteto Fantástico: Lu, Tania, Val (in
memorian) e Zi, meu apoio e refúgio nessa
fantástica viagem chamada amizade. E ao
Quinto elemento, minha irmã Dores pelo
sustento durante toda formação e sem o qual
não teria a possibilidade de concretizar esse
sonho.*

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor de todas as coisas visíveis e invisíveis: Deus, Pai, Criador que pegou na minha mão durante o ENEM, que abriu as portas da UFC, almejada por tantos anos e aparentemente tão inacessíveis... Todas as palavras de reconhecimento não podem expressar tamanha gratidão pela imensa graça alcançada e por todas que ainda terei de alcançar, não no meu, mas no seu tempo... Como diz meu pai: “Deus é poderoso, forte e caridoso, nunca faltou e nunca há de me faltar.” Minha mãe, minha primeira professora, que me ensinou as primeiras letras nos cadernos feitos com papel de pão, e me ensinou o poder da leitura: “Quem não sabe ler é como cego, enxerga, mas vê.”

Minhas companheiras de viagem acadêmica Liliana Martins, e Taciana Pimentel, grata pela construção conjunta dessa etapa tão desejada, distante e concedida por Deus no tempo para no encontrarmos, nos apoiarmos e vencermos juntas. Taciana atrasou uma paradinha, mas a gente se encontra já, já para mais uma festa, gargalhadas e bate-papo que só as “três cajazeiras” sabem o valor...

Aos professores meu carinho, gratidão e respeito em especial: Wagner Chacon: que abriu as portas da Caverna de Platão e nos arrastou para a luz do conhecimento, do senso crítico e do empoderamento por esse processo de formação. Professora Mayara Mesquita uma metralhadora docente, cheia de conhecimentos e vontade de partilhá-los em tão curto espaço de tempo de dois semestres de Representação Descritiva. Professora Gabriela Belmont Farias, que com toda serenidade e benevolência acreditou no meu potencial e mesmo com várias limitações de tempo e atribuições me aceitou como bolsista de projeto. Professora Giovanna Guedes pelo misto de sensibilidade e fortaleza nos impulsionando aos valiosos trabalhos de campo nas disciplinas de Ação Cultural e Gestão de Pessoas em Unidades de Informação. E Virgínia Bentes o referencial máximo de conhecimentos, histórias de viagens e simplicidade humana, e finalmente a todos que contribuíram na construção de um novo olhar sobre a Biblioteconomia e as múltiplas possibilidades de aprendizagem.

À minha orientadora, Professora Giovanna Guedes, pela disposição em me guiar na árdua tarefa de construir o que nem mesmo eu acreditava ser capaz. Grata pela tolerância e compreensão com quem engatinha na construção do saber.

Às bibliotecárias, Silvanira Ferreira (NUTEC), Josineide Góes (BCCE), e Rayara Barreto (MASTER) por me receberem em seus ambientes de trabalho de forma tão acolhedora e em meio à multitarefas se dispuseram a partilhar seus preciosos conhecimentos comigo, me dando a certeza de que podemos fazer o diferencial como profissional além dos estigmas.. Gratidão eterna.

À banca composta pelos professores Gabriela Belmont, Jefferson Veras e Isaura Sombra. Obrigada por aceitarem fazer parte do processo de avaliação e pelas significativas contribuições.

À UFC, um mundo de oportunidades como suas portas físicas e virtuais abertas para quem quer mais que um certificado. Entrei, agora quero mais!

“O que se espera dos bibliotecários é que sejam reflexivos enquanto pensam, sábios enquanto teorizam e firmes enquanto agem, porque o futuro da Biblioteconomia, como ciência e como profissão, só depende deles, porque o homem é o agente e o fim de seu próprio desenvolvimento.”

Sebastião de Souza.

RESUMO

A atividade bibliotecária tem evoluído bastante desde os seus primórdios, visando atender as necessidades de informação de uma sociedade cada vez mais exigente, a qual requer profissionais com uma formação que contemple competências técnicas e comportamentais. Destarte, o objetivo desta pesquisa se constitui em analisar o papel do bibliotecário na formação do estudante de Biblioteconomia durante o estágio supervisionado, como mediador no desenvolvimento de competências que atendam às exigências do mercado de trabalho. Trata-se de uma investigação guiada pela abordagem qualitativa, com método de pesquisa exploratória. Para coleta dos dados se fez uso de questionário e roteiro de entrevista, e os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo com o estabelecimento de categorias. Os resultados demonstram que a participação do bibliotecário como orientador técnico representa uma chave de acesso ao mercado, sendo um mediador ativo dessa passagem academia-mercado, e como tal deve ser valorizado, chamado ao diálogo para que essa parceria possibilite a formação de profissionais mais críticos, responsáveis por uma atuação mais dinâmica. Para isso, a *network* que se forma nos estágios deve ser considerada como a célula geradora de relações profissionais que podem contribuir com o desenvolvimento ou aprimoramento das competências de quem já está no mercado e de quem ainda vai chegar, através da contínua troca de experiências. Dessa forma, concluímos que o estágio supervisionado é uma ponte entre academia e sociedade, e o bibliotecário é o mediador, que pode contribuir tanto no desenvolvimento das competências técnicas inerentes às rotinas diárias da profissão, quanto nas competências comportamentais, e que a mediação bibliotecária perpassa a orientação técnica, tornando-se uma ação dialógica entre os sujeitos (orientador técnico e estagiário) que constroem uma relação sedimentada na troca de experiências.

Palavras-chave: Bibliotecário. Mediação. Desenvolvimento de competências. Estágio supervisionado. Formação acadêmica.

ABSTRACT

Librarian activity has evolved considerably since its inception, aiming to meet the information needs of an increasingly demanding society, which requires professionals with a training that includes technical and behavioral skills. Thus, the objective of this research is to analyze the role of the librarian in the training of the librarianship student during the supervised stage, as a mediator in the development of competencies that meet the demands of the labor market. It is an investigation guided by the qualitative approach, with an exploratory research method. Data were collected using a questionnaire and interview script, and the data were analyzed using the content analysis technique with the establishment of categories. The results show that the participation of the librarian as a technical advisor represents a key access to the market, being an active mediator of this market-academia step, and as such should be valued, called for dialogue so that this partnership enables the formation of more critical professionals, responsible for a more dynamic performance. For this, the network that is formed in the stages should be considered as the cell that generates professional relationships that can contribute to the development or improvement of the skills of those who are already in the market and who will still reach, through the continuous exchange of experiences. In this way, we conclude that the supervised internship is a bridge between academia and society, and the librarian is the mediator, who can contribute both to the development of the technical skills inherent to the daily routines of the profession, and to the behavioral competences, and that librarian mediation the technical orientation, becoming a dialogical action between the subjects (technical advisor and trainee) who build a sedimented relationship in the exchange of experiences.

Keywords: Librarian. Mediation. Skills development. Supervised internship. Academic education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1	Competências do bibliotecário.....	45
QUADRO 2	Perfil dos entrevistados.....	47
GRÁFICO 1	Competências Técnicas Desenvolvidas Durante Estágio.....	56
GRÁFICO 2	Competências em informação desenvolvidas durante o estágio.....	57
GRÁFICO 3	Competências em gestão desenvolvidas durante o estágio.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CHA	Conhecimentos, Habilidades e Atitudes
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
COINF	Competência em Informação
DOI	<i>Digital Object Identifier</i>
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório
SIGAA	Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmica
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
2.1	Biblioteconomia no Brasil.....	18
2.2	Curso de Biblioteconomia da UFC.....	20
2.3	Formação discente.....	22
3	ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO.....	25
3.1	Estágio supervisionado no curso de Biblioteconomia da UFC.....	28
4	BIBLIOTECÁRIO NO PAPEL DE ORIENTADOR TÉCNICO.....	32
4.1	Mediação na perspectiva da orientação técnica.....	34
4.2	Bibliotecário: competências necessárias no desempenho da função.....	36
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
5.1	DADOS COLETADOS.....	47
6	ANÁLISE DOS DADOS.....	50
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
	REFERÊNCIAS.....	70
	APÊNDICES.....	73

1 INTRODUÇÃO

Na Antiguidade o bibliotecário tinha por missão a guarda e proteção livros. No transcorrer das mudanças socioculturais, da inserção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) como ferramentas de trabalho desse profissional, o mercado de trabalho exige cada vez mais um perfil de bibliotecário que contemple competências técnicas, comportamentais, administrativas, de gestão de pessoas e etc. Além disso, esse profissional também é chamado, contínua e incisivamente, a assumir um papel de agente transformador perante a sociedade. Por isso, por mais que sejam vislumbradas diversas possibilidades no contexto acadêmico, indubitavelmente, a experiência prática construída, por exemplo, na relação entre discente estagiário e o bibliotecário (orientador técnico durante o estágio supervisionado) é fundamental na formação de um profissional, que pretende atuar de forma competente com habilidade técnica e desenvoltura social no trato com um público, cada vez mais exigente na busca e no efetivo uso da informação.

Diante desse complexo panorama social, a vida discente na universidade se efetiva sob várias facetas onde, almejando formar o bibliotecário, são apresentadas ferramentas próprias para o ofício, sem olvidar o objetivo de formar o indivíduo para o convívio social de forma equilibrada e colaborativa na construção de uma sociedade mais igualitária. Para tanto, são oferecidas oportunidades de ensino, pesquisa e extensão, possibilitando visões da sociedade para além dos espaços circunscritos da academia. Essas oportunidades são complementadas no curso de Biblioteconomia com o Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO), onde o discente tem a oportunidade de vivenciar a realidade do mercado, tendo como tutor o bibliotecário, denominado de orientador técnico.

Destarte, realizamos esta pesquisa visando tratar das questões imbricadas nessa relação construída durante o processo de formação profissional no Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) do curso de Biblioteconomia, momento em que ocorre a mediação do bibliotecário, o qual contribui na construção de competências dos discentes, que são exigidas pelo mercado de trabalho. Há uma considerável produção de relatos de experiências discentes a partir da prática desenvolvida durante o estágio supervisionado, contudo, esta pesquisa se concentra na percepção da efetiva contribuição do bibliotecário no papel de orientador técnico do estágio e sua colaboração para que o estagiário se sinta apto a enfrentar o mercado.

O discente, futuro bibliotecário, começa a se formar no decorrer das aulas teóricas, e a se concretizar nas interações com o bibliotecário no decorrer do estágio, já que nesse

momento há um aprofundamento das teorias através das orientações, das trocas de experiências e do diálogo entre o aprendiz e bibliotecário orientador.

O estágio supervisionado é uma etapa prevista pelo Conselho Nacional de Educação (CNE)¹ nas Diretrizes Curriculares Nacionais e componente obrigatório no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Constitui-se como uma etapa fundamental na formação do discente considerando que, o bibliotecário responsável por orientá-lo, exercerá influência no que se refere à atuação futura do discente no mercado, bem como na postura deste, diante de diversas situações durante o exercício da profissão.

A justificativa para realização desta pesquisa vai ao encontro do pensamento de Targino (2006), ao ressaltar que o bibliotecário deve, ao exercer sua profissão, se preocupar com a dimensão social da biblioteca e, conseqüentemente, do usuário. Isso suscitou o interesse pessoal em desvendar a contribuição do bibliotecário, enquanto orientador técnico, para propiciar a construção de competências técnicas e comportamentais necessárias ao discente para atuar no mercado de trabalho.

Durante o período de estágio, o bibliotecário orientador tem a possibilidade de desconstruir, no imaginário discente, as premissas ou discursos que impregnam a profissão e que destoam da realidade que a sociedade busca atualmente. Em sua maioria, esses discursos ressaltam que:

[...] a biblioteconomia continua marcada por um tecnicismo exacerbado. A técnica é mitificada e mistificada em prol de um pseudoprogresso da área. Detém-se mais na forma do que no conteúdo, mais na aparência do que na essência. Privilegia o processamento técnico ao lado do gerenciamento dos serviços informacionais e do uso de novas tecnologias em detrimento do seu relacionamento com a realidade social, política e econômica, pautado pela consciência de que a informação como bem social pode concorrer para a melhoria de povos e nações. (TARGINO, 2006, p. 156).

No entanto, essa visão não cabe mais no contexto que se abre para o bibliotecário, visto que, como afirma Targino (1997), a práxis bibliotecária está diretamente relacionada ao crescimento e desenvolvimento humano, com foco na função social que esse profissional deve desempenhar.

Dessa forma, a questão que guia esta pesquisa é seguinte: Qual a contribuição do bibliotecário, no papel de orientador técnico durante o estágio supervisionado, para o desenvolvimento de competências do discente de Biblioteconomia?

A fim de responder a esse questionamento, a pesquisa tem por objetivo geral: identificar a ação mediadora do bibliotecário como orientador técnico no desenvolvimento de competências do discente durante o estágio supervisionado. Desse objetivo geral traçamos os seguintes objetivos específicos: a) identificar a percepção do bibliotecário quanto à relevância

do estágio supervisionado, no desenvolvimento de competências (técnicas, comportamentais, gestão de pessoas, e competências em informação) exigidas para atuação profissional; b) investigar o papel do orientador técnico no desenvolvimento dessas competências nos estagiários; c) descrever quais competências foram desenvolvidas sob a mediação bibliotecária durante o estágio supervisionado; d) identificar o ponto de vista dos bibliotecários sobre as principais competências exigidas atualmente pelo mercado.

A responsabilidade social instiga muitos bibliotecários, por meio das instituições em que trabalham, a inserirem no seu quadro de pessoal o estagiário, o que pode trazer benefícios para ambos os lados. Para o aprendiz, oportunidade de efetivar teoria em prática, vivenciar o ambiente mercadológico, construindo um perfil do profissional em formação. Para a instituição, além da questão social, não se pode negar os benefícios mensuráveis: salários, redução de impostos, inovações da academia, dentre outros.

Contudo, receber um estudante de Biblioteconomia para o desenvolvimento do estágio supervisionado requer do bibliotecário vontade de ensinar e contribuir com a formação do aluno, considerando a necessidade de uma ruptura da rotina laboral, em virtude da atenção dispensada na orientação para as práticas biblioteconômicas. Considerando as possibilidades de enriquecimento discente com uma boa orientação:

[...] técnica pedagógica o aluno tem a possibilidade de enriquecer seus estudos e conhecimentos, até então restritos apenas ao ambiente acadêmico, podendo assim exercer na prática todo o aprendizado adquirido ao longo de suas leituras e pesquisas realizadas durante as aulas. (ARAÚJO; FARIAS, 2012, p.2).

A essa contribuição acrescenta-se entender que o exercício da práxis¹ bibliotecária, ao invés de simples atividade de prática profissional como destaca Targino (2006), exige tempo em virtude da complexidade inerente a todo processo de mudança social e que ele (discente) começa a ser um componente ativo dessas mudanças.

Diante disso, a pesquisa visa analisar as contribuições que os estágios supervisionados proporcionam na vida acadêmica e profissional do recém-formado, avaliando as competências que este adquiriu para sua atuação no mercado de trabalho. Além disso, esta investigação poderá desencadear reavaliação do modelo atual praticado, incentivando uma remodelagem, tanto das atividades propostas durante o estágio, quanto à carga horária, bem

¹ “[...] ação criadora dos homens, e expressão coletiva das classes na produção da sua história. É ação conjunta de todos os homens, grupos e classes, e por conseguinte, de todas as profissões. É ação de todos os sujeitos formadores do tecido social de uma sociedade. É ação de um corpo social que gera transformações no contexto coletivo. (TARGINO, 2006, p.159)

como o estabelecimento de um diálogo mais efetivo entre orientadores e coordenação do curso representado pelo coordenador de estágio.

O estágio supervisionado, por sua relevância como mecanismo de ensino merece um olhar atento por parte dos responsáveis pela definição de um projeto pedagógico, já que sendo componente necessário e obrigatório para que o discente conclua o curso de Biblioteconomia, pode ser o único contato que ele venha a ter com o dia a dia do bibliotecário antes da sua atuação no mercado.

Assim, esta pesquisa seguiu os pressupostos metodológicos da abordagem qualitativa, aplicada a uma pesquisa em nível exploratória. Para coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada, aplicada a uma amostra intencional de bibliotecários que estivessem vivenciando a atividade profissional no mercado de trabalho.

Diante da dificuldade em trabalhar com todo o marco referencial, optamos por um recorte do público-alvo representado por profissionais em plena atividade laboral na área, constituído por egressos de 2005 e de 2015. A escolha por tal amostra se deu por considerar um intervalo temporal de dez anos, significativo para detectar diferentes perspectivas entre a formação acadêmica e as exigências mercadológicas. Além disso, a média de dez anos de atuação profissional, daqueles que se formaram em 2005 possibilitou-os vivenciar diferenças sociais e tecnológicas ocorridas na área.

Almejando alcançar os objetivos propostos, o trabalho foi dividido em sete seções, sendo: a introdução, como **primeira sessão**, onde expomos uma síntese das ideias a serem desenvolvidas no decorrer da sua evolução, além da justificativa, objetivos e metodologia aplicados no desenvolvimento da pesquisa. Já na **segunda sessão** os pressupostos teóricos fundamentaram-se em Cysne (1998), Araújo (2013) e Targino (2010) tratando do surgimento da Biblioteconomia. Figueiredo (2013), Oliveira, Carvalho e Souza (2009) foram utilizados com foco na história da Biblioteconomia no Brasil. Na mesma sessão, Paulo Freire (1983), Farias e Belluzo (2015) ampliaram nossos horizontes quanto à formação discente.

Na **terceira sessão** explanamos sobre o Estágio Supervisionado e para tanto, nos norteamos na Lei nº 11.788 de 2005, em Buriolla (2011) e Araújo, e em Farias (2012) tratando da prática de estágio, além do Projeto Pedagógico em vigor do Curso de Biblioteconomia. A centelha geradora da **quarta sessão** é o bibliotecário como orientador técnico. Para tanto, nos apoiamos em Castro (2000), passando pela ação mediadora do bibliotecário nesse papel, quando buscamos apoio teórico em Paulo Freire (1987), Almeida Júnior (2009) e Farias (2014). Na **quinta sessão** desenvolvemos os procedimentos metodológicos sob uma abordagem qualitativa (Denzin e Lincoln, 2006), com base na

pesquisa de nível exploratória, apoiando-nos em Gil (1999), e Minayo (2012). Já os instrumentos de coleta e análise de dados foram definidos sob a orientação de Bardin (1977), com a definição de categorias almejando inferências que respondessem nossas indagações.

Na **sexta sessão**, definimos indicadores buscando inferências formais que respaldassem os dados coletados e garantissem uma análise compreensiva dentro dos objetivos propostos, partindo “[...] do princípio de que existe correspondência entre o tipo de discurso e as características do interlocutor e de seu meio [...]”. (GOMES, 2012, p.86), acreditamos que os objetivos foram desvendados e podem contribuir para solidificar as relações entre teoria e prática, através da aproximação entre academia e profissionais em prol de uma formação mais consciente e equilibrada do discente.

Na **sétima sessão** expomos nossas considerações finais, na certeza de que o bibliotecário contribui de forma significativa para o desenvolvimento de competências do estagiário, e pode contribuir muito mais se for convidado a interagir com os docentes em prol de uma formação mais democrática, onde docentes, bibliotecário e discente sejam protagonistas de uma mesma tessitura biblioteconômica: a Biblioteconomia social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A revisão bibliográfica nos possibilita conhecer o passado e, a partir disso, compreender as nuances do contexto presente, almejando lançar um olhar de possibilidades sobre o futuro. Diz-se possibilidade por se tratar das ciências sociais, um campo onde a complexidade das relações humanas é a mola propulsora dos resultados sociais que vivemos.

Sendo a História fruto das construções socioculturais, o surgimento das bibliotecas remonta à sua Antiguidade, haja vista a mais relevante delas - Biblioteca de Alexandria - fazer parte dessa época, período no qual ela simbolizava o poderio do governante de uma nação em amearhar para si toda forma de conhecimento registrada pela humanidade.

Além da concepção de que o conhecimento era um privilégio para os eleitos, entenda-se elite, outras questões estenderam essa realidade, dentre elas a dificuldade de suporte físico: papiro, pergaminho, papel e principalmente o acesso à leitura, fator preponderante até a contemporaneidade.

Dois fatos são relevantes para a criação da biblioteca numa concepção de direito social, sendo o primeiro deles a Revolução Francesa, quando os revolucionários com o lema liberdade, igualdade e fraternidade, abrem à população as bibliotecas e arquivos particulares e/ou do Estado, já o segundo ocorreu na Inglaterra desencadeado pela Revolução Industrial, que causou o êxodo rural para as cidades em busca de emprego nas fábricas, desencadeando a iminente necessidade de instrução para o trabalho. A biblioteca pública surge então, como uma possibilidade de capacitação e também de entretenimento para aqueles que não dispunham de acesso ao lazer nas horas vagas.

Este preâmbulo serve para destacar a longevidade da biblioteca, enquanto que o início da Biblioteconomia como ciência se dá somente a partir do século XVII quando surgem:

Tratados e manuais voltados para as regras de procedimentos nas instituições responsáveis pela guarda das obras, para as regras de preservação e conservação física dos materiais, para as estratégias de descrição formal das peças e documentos, sendo que *Advis pour dresser une bibliothèque*, de Gabriel Naudé, publicada em 1627. (ARAÚJO, 2013, p.42).

O mesmo autor ainda destaca alguns pioneiros das teorias científicas na área biblioteconômica, dentre eles o precursor dos sistemas eletrônicos de recuperação da informação, Charles Jewett, que em 1950 foi o pioneiro na proposta da catalogação cooperativa tendo como base a biblioteca onde o mesmo era bibliotecário, a *Smithsonian Institution* (EUA). Outro destaque na área é Melwil Dewey criador da Classificação Decimal

de Dewey (CDD) em 1876, sendo utilizada até os dias atuais como referência de catalogação em diversos sistemas automatizados de bibliotecas.

A lista dos que contribuíram com a fundamentação teórica da área é bem extensa, contudo, para além das técnicas Shiyali Ranganathan, também conhecido como o pai da Biblioteconomia, continua sendo destaque na atualidade não somente por sua proposta de classificação facetada, ou *Colon Classification*, mas porque as cinco leis da Biblioteconomia, ressaltam a biblioteca como um instrumento social, como destaca Targino (2010):

[...] sem desprezar os novos rumos da Biblioteconomia, irreversíveis e inevitáveis e, sem dúvida, vantajosos, é impossível negar a adequação das cinco leis de Ranganathan. De uma forma ou de outra, comprovam ser a sociedade a única meta que justifica a Biblioteconomia como profissão. (TARGINO, 2010, p.124).

Como podemos perceber, essa discussão de ter no usuário a razão de ser da biblioteca e, conseqüentemente, da missão do bibliotecário é de longa data, e continua tão atual quanto a proposta de Ranganathan, isso, contudo, não isenta da necessidade de harmonizá-la à realidade que as tecnologias possibilitam, muito pelo contrário, exige adequação entre possibilidades de uso e objetivo final.

Dessa forma, ao propor em 1934, o *Traité de Documentation*, Paul Otlet, “O homem que queria catalogar o mundo” não pretendia extinguir a biblioteca, tampouco mudar o foco do usuário para o documento, mas ampliar seu significado. Tornando a “[...] palavra ‘documento’, de teor mais abrangente, e que poderia representar qualquer coisa em que o conhecimento pudesse ser registrado e que se reconhecesse alguma propriedade informativa.” (SIQUEIRA, 2012 p.128).

Além disso, sua proposta com a criação da Documentação era oferecer ao usuário o acesso ao conhecimento de forma rápida, permitindo-o desfrutá-lo quase de forma automática à criação, evitando o longo trajeto até a chegada à biblioteca. O que podemos comparar nos dias atuais aos repositórios institucionais, e ao conhecimento produzido e disponibilizado através das plataformas que aderiram a licenças de *creative commons*.

A explosão informacional e tecnológica do século XX superaram as possibilidades vislumbradas por Otlet, contudo, além das ideias semeadas, a Classificação Decimal Universal (CDU) fica como um legado à Biblioteconomia no serviço de catalogação utilizado em diversos ambientes informacionais.

A internet deu ao usuário o poder e a liberdade de acesso aos diversos suportes do conhecimento, contudo, nem o livro, nem o bibliotecário se tornaram obsoletos, apenas precisam estar em constante adaptação às novas exigências do contexto em que estão

inseridos. Tais premissas se aplicam também ao ensino e às mudanças da Biblioteconomia no Brasil.

2.1 Biblioteconomia no Brasil

O Curso de Biblioteconomia no Brasil nasceu em 1911 sob o decreto nº 8.835, no seio da Biblioteca Nacional. Apesar de os historiadores destacarem a influência francesa com uma visão humanista, percebe-se já na seleção das primeiras disciplinas, componentes técnicos. Tendo em vista seu objetivo primeiro conforme destaca Oliveira, Carvalho e Souza (2009, p. 15-16) “[...] o curso visava atender as exigências institucionais, sendo as aulas ministradas pelos diretores de cada seção, em número de quatro. [...] a quantidade de disciplinas que compreendiam o ensino de: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática.”

Ainda segundo os autores, o desinteresse por parte dos potenciais alunos (servidores da biblioteca), dentre outras dificuldades, causaram um funcionamento irregular do curso até 1942, período em que o curso passa a funcionar com a regularidade de dois anos. Após 20 anos, mediante o decreto nº 550 de 1º de janeiro de 1962, a duração do curso se estende para três anos.

Entre alterações de carga horária, disciplinas e objetivos, essa formação chega ao final dos anos 60 com vários cursos espalhados pelo Brasil, tendo um currículo mínimo aprovado em 1962, com as seguintes disciplinas:

História do Livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do pensamento filosófico e científico, Organização e Administração de Bibliotecas, catalogação e Classificação, Bibliografia e Referência, Documentação e Paleografia. (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p.18).

Nesse período o Brasil já contava com dez cursos espalhados em regiões variadas, conforme levantamento dos autores acima: Rio de Janeiro (1911); Bahia (1942); São Paulo/Campinas (1945); Rio Grande do Sul (1947); Minas Gerais (1950); Pernambuco (1950); Paraná (1960); Rio de Janeiro (1960); São Paulo/Universidade Santa Úrsula (1960); Brasília (1962).

O tempo e as revoluções tecnológicas mudaram o conceito de biblioteca, o fazer bibliotecário, e conseqüentemente a estrutura curricular do curso de Biblioteconomia, a fim de

atender as necessidades da biblioteca, que passou de guardião do conhecimento materializado nos livros para:

[...] o local onde uma coleção organizada e constituída de acordo com a demanda e **necessidade dos usuários** efetivos e potenciais a que se destina (tanto no que concerne ao tipo de material como a diversificação de assuntos), está **à disposição dos interessados**, para suprir as suas necessidades informativas, educacionais ou recreativas. Para tanto, **requer recursos humanos, materiais e financeiros** que assegurem a **continuidade e a atualização** dos seus serviços. (TARGINO, 2006, p.88, grifo nosso).

Mudanças paradigmáticas são resultantes de revoluções, e essa não é exceção. Assim, a valorização do usuário se torna uma peça fundamental para a sobrevivência da biblioteca, considerando que as facilidades de acesso possibilitadas pelo uso da internet, não garante a qualidade informacional, mas gera um público mais independente no uso das bases informacionais e mais exigente quanto ao tempo de resposta.

Buscando a efetivação entre discurso e formação bibliotecária, Valentim, Rodrigues e Almeida Júnior (2014) abordam o assunto no cerne da formação profissional quando destacam a necessidade de adequação do projeto pedagógico, como foco em novas perspectivas nas metodologias de ensino e aprendizagem com o intuito de:

[...] formar profissionais com capacidade de acompanhar o processo acelerado de transformações e rupturas pelo qual passa a sociedade contemporânea, a ênfase deve estar presente na aprendizagem dos alunos e não somente na transmissão de conhecimento. Para isso, será necessário que os professores exerçam um papel, sobretudo motivador, alguém a serviço da emancipação do aluno [...] (VALENTIM; RODRIGUES; ALMEIDA JÚNIOR. 2014, p. 293).

A emancipação do aluno servirá de base, para que, assumindo sua parcela na construção do conhecimento, conscientize-se da responsabilidade nesse processo, e da repercussão disso no seu desenvolvimento profissional e social.

O bibliotecário nasceu erudito, amante de Artes, Filosofia, História e Línguas, sendo por longo tempo guardião dos tesouros do conhecimento registrados por monges copistas nos interiores dos mosteiros e abadias como nos retrata o filme O nome da Rosa. Com a invenção da escrita, a produção livresca tomou uma dimensão gigantesca e o bibliotecário teve que se capacitar tecnicamente para organizar o conhecimento registrado, visando sua recuperação para efetivo uso. Com a popularização do livro e da leitura, ele é convocado a uma dimensão social, no que tange seu objetivo maior de servir ao usuário (sociedade), e sem abster-se das premissas anteriores teve que acompanhar os avanços tecnológicos, com o uso de sistemas de gestão da informação e, das pessoas que fazem uso dela.

Tais exigências de formação tem sido pauta de debates em sala de aula, encontros de estudantes e de professores, logo, é fato que, para que haja uma nova postura do bibliotecário no mercado de trabalho no que tange a necessidade de uma formação continuada almejando uma atualização constante visando uma capacitação adequada às novas exigências tecnológicas e sociais no desempenho da função, para tanto é preciso que se inicie uma mudança no processo de formação, buscando despertar senso crítico sobre as competências e responsabilidades a serem assumidas por quem pretende se tornar um profissional respeitado e ético nas atividades desempenhadas.

Contudo, para que aconteça tal mudança é imprescindível uma ação conjunta dos sujeitos envolvidos nessa formação, já que, a formação acadêmica está diretamente relacionada a uma formação cultural, oriunda das experiências de vida de cada um, considerando que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado [...] herdeiro de um logo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam [...]” (LARAIA, 1992, p.46), assim, a timidez ou a insegurança alimentadas nesse processo de formação anterior, ou seja, desde a alfabetização quando o indivíduo é moldado à passividade na relação professor/aluno, pode contribuir para a falta de proatividade discente.

À universidade cabe oferecer as possibilidades científicas desenvolvendo, a partir da interação professor-aluno, um senso crítico no diálogo contínuo buscando uma conexão entre a teoria e a prática. Sendo esta, possível de se efetivar nas relações com a sociedade, em múltiplas formas, desde aulas de campo, projetos de extensão, ou estágios, uma ocasião ímpar na viabilização do trato com o usuário, com as múltiplas e complexas atividades desenvolvidas no dia a dia de uma biblioteca/unidade de informação. Essa é uma realidade que tem sido vivenciada no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), o qual busca acompanhar as mudanças sociais e tecnológicas almejando atender aos anseios pedagógicos e sociais no aprimoramento do curso.

2.2. Curso de Biblioteconomia da UFC

O Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará é parte das necessidades sociais de um contexto, onde o global age sobre o local. Ele seguiu os mesmos passos de outros cursos no Brasil, ou seja, surge para atender uma demanda interna e no decorrer da realidade em que está inserido, vai se adequando às necessidades tecnológicas, sociais e intelectuais da sociedade atual.

O funcionamento do curso se efetiva na UFC em 1965, segundo Cysne (1993), a partir do esforço conjunto entre o professor Antônio Martins Filho, reitor da universidade à época, e a bibliotecária Lidya Sambaquy, destacando-se ainda a efetiva contribuição da bibliotecária cearense Maria da Conceição Souza.

O curso foi criado para suprir a necessidade organizacional da própria UFC, e que segundo Cysne (1993, p. 67) tinha “[...] grande preocupação com as disciplinas técnicas, priorizando então a organização dos acervos sem perder de vista o usuário.” O perfil técnico para o qual foi criado o curso perdurou por mais de vinte anos, já que somente em 1985 deu-se início a concepção de um novo projeto pedagógico considerando as novas exigências sociais e tecnológicas imputadas ao bibliotecário apto a atender as exigências mercadológicas. Isso, atrelado às novas percepções acadêmicas, resultou no Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia de Fortaleza, formulado em 2004 e implantado no ano seguinte almejando:

[...] dar respostas aos desafios referentes às formas de atuação e do perfil profissional do bibliotecário, incorporando: pressupostos curriculares articuladores de saberes (perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar); envolvimento docente e discente na construção de uma nova concepção de formação profissional; apoio institucional; relações entre o Projeto Pedagógico e exigências da sociedade contemporânea, cada vez mais informatizada. (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA, 2004, p.4)²

A elaboração desse projeto se deu diante das novas necessidades do mercado, tanto no quesito de competências tecnológicas quanto das expectativas de um profissional formado para trabalhar com a informação, e não somente com a organização e conservação de livros.

No entanto, as mudanças em qualquer ambiente, para que seja real e duradoura, ocorre de forma paulatina e progride de acordo com as necessidades sociais. Dessa forma, quando comparado ao primeiro projeto em vigor até 1985, percebe-se uma significativa evolução no projeto pedagógico atual. Para tanto, basta cotejar o currículo anterior restrito e eminentemente técnico, com uma estrutura curricular que almeja agregar as diversas áreas do conhecimento, dividida em sete unidades, o qual com pequenas adequações compõem o conteúdo do curso até os dias atuais.

Atualmente o curso está dividido nas seguintes unidades curriculares: 1. Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação; 2. Processamento Técnico da Informação (unidade curricular onde são inseridas as técnicas inerentes à profissão e que independente das tecnologias a serem aplicadas são utilizadas na organização de

² PP biblioteconomia_fortaleza.pdf. Disponível em: <<http://www.ufc.br/ensino/cursos-de-graduacao/187-biblioteconomia-fortaleza>>

qualquer acervo); 3. Recursos e Serviços de Informação; 4. Gestão de Unidades de Informação; 5. Tecnologias da Informação; 6. Pesquisa e 7. Estágio.

Outras alterações relevantes para a evolução do curso são a adoção da monografia como trabalho de conclusão do curso, o que pode ser considerado valorização da parte científica do curso, e que instiga o discente à pesquisa, atividade relevante no futuro profissional a ser abraçado.

A busca constante pela especialização dos docentes certamente contribuiu para a valorização do curso dentro na UFC, além de estimular a busca de adequação das metodologias aplicadas, almejando uma melhor compreensão dos conteúdos ministrados através do diálogo entre professores e alunos.

2.3 Formação discente

Ingressar na universidade é abrir um leque de oportunidades de aprendizagem e desafios múltiplos de adaptação a um novo ambiente, mas, principalmente, a metodologias e ferramentas de ensino mais modernas utilizadas pelos professores, almejando levar os ingressantes nos cursos, a assumir “a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível, [...]” (FREIRE, 1983, p. 30), ou seja, construtores ativos do conhecimento não como produto acabado, mas como um processo coletivo de saberes.

Provocar no estudante o entendimento que suas concepções não serão desconsideradas, pois resultam de suas percepções de vida, faz parte da atitude do docente comprometido com essa hodierna concepção de ensino/aprendizagem, com o entendimento da necessidade da mudança de hábitos, incentivando o aluno a assumir o exercício do estudo como única forma de alcançar um desenvolvimento intelectual, pessoal e social, e não como obrigação acadêmica que tem na obtenção de um título seu objetivo final.

Em um primeiro instante essa proposta de construção conjunta causa estranheza no ingressante, justificada e até compreensível, considerando que a experiência oriunda de uma educação bancária, segundo a concepção freiriana, delimitante das ações discentes estão tão arraigadas na formação do indivíduo, onde este é considerado vazio de conhecimento e pronto para receber o produto oferecido pelo docente; conhecimento preparado de acordo com a disciplina ministrada (FREIRE, 1987, p.36).

Passado o momento inicial de adaptação do estudante ao contexto da universidade novas perspectivas de ensino aprendizagem despontam na academia, na construção do tripé ensino-pesquisa-extensão. Adquirir conhecimento, construindo-o paulatinamente através do

ensino, pesquisa e extensão, é uma realidade que vem de encontro a tudo que foi proposto nas experiências escolares anteriores, ou seja, é um convite a reaprender a aprender, a partir da perspectiva de ser sujeito ativo desse processo e não somente receptor de conhecimentos repassados.

Assumir uma nova postura diante dos estudos, comprometido com a própria formação, é imprescindível para uma vida universitária que transcenda a formação técnica e leve à formação científica, à consciência social, e formação de um ser intelectualmente apto para o exercício pleno de sua cidadania em prol do seu melhoramento e do meio em que vive.

Dessa forma, ao ser instigado a assumir seu papel numa relação dialética que é a construção do saber, o aluno apresenta certa dificuldade em expor seus conhecimentos tácitos, próprios das vivências de cada ser, oscilando entre medo e insegurança na concepção diante desse novo paradigma de aprendizagem. Matos (1985) corrobora essa ideia da necessidade de comprometimento com o processo de ensino/aprendizagem, como fundamental para que as premissas do ensino superior ocorram de fato.

Ao adentrar a universidade o discente percebe um chamamento para assumir a responsabilidade de uma aprendizagem significativa na qual, de acordo com Farias e Belluzo (2015, p. 12), pressupõe “[...] três condições para a sua concretização, quais sejam: conhecimento prévio, disposição de apreender e potencialidade significativa do conteúdo a ser estudado”.

Todavia, entre o chamado e o empoderamento do próprio processo de aprendizagem há uma barreira a ser considerada, sedimentada em constructos sociais do indivíduo, formado na educação bancária, ajustado aos moldes de uma pedagogia transmissora de conhecimento, e não construtora de diálogos, e possibilidades de transformação do contexto em que o sujeito está inserido. Farias (2014, p.17), apoiada em Cappelletti e Martinelli (2010), define empoderamento como:

[...] um conceito complexo e indica um processo utilizado para designar o conjunto de conhecimentos, que permitem a um sujeito individual ou coletivo, identificar metas e desenvolver estratégias para alcançá-las, promovendo ações efetivas para alcançar os objetivos ou desenvolvendo a capacidade de compreender a influência de suas ações sobre acontecimentos.

A complexidade desse processo ocorre tanto pela dificuldade na resignificação do conceito de educação, exigindo do discente a compreensão e a crença de que ele é sujeito da sociedade em que vive, e não mero telespectador, e que essa percepção perpassa por uma mudança de atitude alinhada a abrir mão da lei do menor esforço no processo de

aprendizagem. Ou seja, o protagonismo no ato de aprender pressupõe arcar com responsabilidades anteriormente recaídas sobre o sistema educacional.

Portanto, a lentidão em assumir o próprio processo de formação pode ser entendido em virtude das questões cognitivas, sociais, culturais e psicológicas, sob as quais foram sedimentadas a concepção do sujeito e solidificadas nas relações sociais de ensino-aprendizagem que atribuíam ao educador a responsabilidade pelo desempenho do educando.

Além disso, os anos de educação bancária foram construídos sob teorias passíveis de reprodução sem questionamentos. Ao ingressar nesse novo contexto, além de ser chamado a interagir com os conceitos, expor suas ideias e experiências de vida, o discente do curso de Biblioteconomia chega inevitavelmente ao período de consubstanciar teorias em práticas sociais, o que ocorre no estágio supervisionado obrigatório. Corroborando com Buriolla (2011, p. 90) “o que diferencia uma prática social de outra, é aquilo que cada uma delas transforma (produz, cria, elabora) dentro da sociedade, dentro das relações sociais [...] considerando ainda que todas as práticas sociais são políticas.”

Considerando que todo conteúdo transmitido no decorrer das aulas se transforma em conhecimento na efetiva aplicação prática, o estágio pode ser considerado, uma etapa valorosa para a formação profissional, não somente pelo desenvolvimento das habilidades técnicas inerentes ao exercício da profissão, mas principalmente na percepção do papel social a desempenhar na relação com o público.

3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

Sendo o estágio um dos focos desta pesquisa, já que é o momento de interação entre o discente e o bibliotecário, entendemos ser necessário apresentar o contexto atual do seu desenvolvimento, considerando ser uma oportunidade de comprovar a aprendizagem construída no decorrer da formação.

O Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO), indubitavelmente é um momento significativo durante a graduação, e fundamental para a formação profissional, considerando que nessa fase o formando efetivará uma vivência prática das teorias repassadas em sala de aula. Além disso, pode se apresentar como um primeiro contato com a realidade do mercado, sendo uma etapa de construção não somente da práxis profissional, mas também das relações sociais com os profissionais da área, do desenvolvimento de senso crítico, atitude proativa no exercício das atividades propostas.

Um profissional apto a exercer o trabalho para o qual teve orientação teórica e prática por um determinado período, é o que espera a demanda de mercado e a sociedade a usufruir dos seus serviços, e visando isso é que a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, também conhecida como Lei do Estágio, determina o estágio supervisionado como parte do projeto pedagógico para cursos profissionais de nível médio, cursos técnicos e de educação superior, com atividades concernentes a especialidade de cada curso.

Além de considerar o exercício prático fundamental para o desenvolvimento profissional bem como o exercício da cidadania, a referida lei também prevê no Art. 9º inciso III – “indicar funcionário de seu quadro de pessoal, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário”. O que define alguns cuidados na seleção do ambiente a ser realizada tal prática. No caso desta pesquisa, o bibliotecário, não somente é o profissional com experiência técnica, como também graduado na área com nível de bacharelado em Biblioteconomia, permitindo uma afinidade entre profissional e estagiário.

Tendo o docente contribuído com os fundamentos teóricos como primeiro degrau na formação discente, a participação do profissional da informação contribui significativamente, tanto no que se refere agregar conhecimento, quanto no empoderamento da futura profissão.

O estágio é uma etapa prevista no curso e amparada por lei federal, requer a participação efetiva do profissional especializado, como dito anteriormente, tanto no sentido pedagógico como profissional, e necessita de uma disponibilidade que vai além das condições previstas quanto ao cumprimento das horas estabelecidas. Tal cuidado evitará que o estágio

sirva somente como trabalho terceirizado, e/ou ainda que o estagiário exerça atividades que não fazem parte do que é estabelecido pela lei de estágio.

É quase uníssono o valor dispensado ao estágio, havendo uma similaridade entre o previsto na Lei Nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008 (BRASIL, 2008), em seu Art. 1º, e o entendimento da classe envolvida de que:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (BRASIL, 2008).

Contudo, a dificuldade em efetivar o “ato educativo” na concepção mais ampla da ação de educar para a vida é que possibilita as reflexões, não quanto ao seu valor, mas quanto à qualidade, efetividade e participação dos atores previstos no processo, conforme questiona Alves (2013, p.841):

O estágio é uma das formas mais eficazes de inserção no meio profissional. Mas para isso, temos que repensá-lo e buscar soluções coletivas, agregadoras de valor ao objeto e a seus objetivos [...] da construção de uma consciência autônoma, com possibilidade de superação e transformação da realidade. (ALVES, 2013, P.841)

É uma forma eficaz de inserção no mercado porque, como já exposto anteriormente, se apresenta como a oportunidade tanto de conhecer a realidade do ambiente institucional, quanto vivenciar os processos ali construídos, as relações hierárquicas e todas as nuances próprias do mercado de trabalho e que não cabem nas teorias ministradas.

Outra benesse do estágio é a imagem profissional que começa a ser construída a partir de uma postura proativa, possibilitando uma contratação posterior ao período previsto, já como profissional formado, o que não é uma realidade distante, dependendo muitas vezes do próprio empenho do estagiário uma indicação futura. Dessa forma, corroborando com Buriolla (2011, p. 13) o “estágio é o *locus* onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativa e sistematicamente”.

Contudo, ainda segunda a mesma autora, nem tudo é favorável nesse período, e são muitos os fatores que contribuem para isso. Dentre os principais pode se destacar a defasagem de recursos humanos para um acompanhamento mais consistente no vínculo entre ensino e prática. Isso ocorre por não haver um coordenador de estágio exclusivo para tal função, o que acarreta a sobrecarga de funções, sobrecarregando o professor que não pode renunciar das atividades docentes em prol de uma supervisão mais assistida. Assim o estágio mantém-se

“apenas elencado no currículo e ficando restrito, portanto, ao nível da intencionalidade”, conforme Buriolla (2011, p. 26). Outro ponto negativo é a instituição mantenedora contratar o estagiário e lhe designar atribuições de profissional, mas salário de aprendiz.

O fato é que, apesar das questões levantadas pela autora tratarem do estágio supervisionado no Curso de Serviço Social, as questões são atinentes ao estágio supervisionado em todos os âmbitos da educação ao destacar que:

Comumente delega-se à Unidade de Ensino a teoria e à Unidade de Campo de Estágio a prática, como se tais elementos pudessem ser dissociados. Segmenta-se e hierarquiza-se o saber. Nesta medida, dá-se destaque à teoria e subordina-se a prática a esta, embora no discurso da Faculdade (especialmente no programa curricular) tal afirmativa seja negada ao nível intencional; porém confirmada ao nível concreto. (BURIOLLA 2011, p. 41).

Assim como o discente de Serviço Social, o de Biblioteconomia terá a sua frente, ambientes, públicos e problemas diversos. Os quais apresentarão demandas que não poderão ser supridas somente com as técnicas, mas exigirão habilidades de relacionamento interpessoal.

Em 1970, Ranganathan já sugeria o estudo da psicologia, objetivando compreender a complexidade envolvida no trato com o usuário, para tanto chamava a atenção para três pontos basilares: a psicologia do intelecto, do interesse e do indivíduo.

Durante o estágio o discente pode aplicar a **psicologia do intelecto** objetivando apreender o comportamento tanto do usuário, quanto do bibliotecário que o atende e partindo dessa avaliação comportamental construir o seu próprio perfil profissional; já a **psicologia do interesse** pressupõe buscar saber o interesse do usuário almejando satisfazer sua necessidade de forma focada e objetiva, ou seja, aplicando a quarta lei da Biblioteconomia: poupe o tempo do leitor; e finalmente da **psicologia do indivíduo** foca nos complexos psicológicos mais comuns aos indivíduos: complexo de inferioridade ou timidez, complexo traumático e complexo de superioridade.

Percebemos assim, que as atividades e o aprendizado a se construir durante o estágio são mais complexos do que simples carga horária prevista para o cumprimento de uma disciplina curricular. É uma oportunidade ímpar de conhecer a realidade, realizar exercícios práticos, construir laços com profissionais do mercado e desenvolver competências que subsidiarão a entrada no mercado ao final do curso.

3.1 Estágio Supervisionado no Curso de Biblioteconomia da UFC

A carga horária prevista para o Estágio Supervisionado Obrigatório varia de acordo com as instituições e os projetos pedagógicos vigentes. No projeto inicial o Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) era composto por 288 horas a serem cumpridas somente no último período do curso. No currículo aprovado em 2005 e válido até 2017.1 essa mesma carga horária foi distribuída em três períodos, propiciando o desenvolvimento simultâneo entre teoria e prática. Em cada uma desses períodos eram trabalhados diferentes aspectos das atividades bibliotecárias, divididos em estágio I, II e III, onde o discente assumia atividades que variavam de acordo com a ementa de cada período. Ressaltamos que, tanto a autora quanto alguns dos entrevistados cumpriram a atividade de estágio dividida em três períodos, ou seja, em três semestres. Assim a pesquisa foi desenvolvida tomando por base o projeto 2005.

Após uma reformulação da estrutura curricular no ano de 2017 houve uma nova alteração no projeto pedagógico retornando ao modelo anterior quando o estágio supervisionado era cumprido somente no último período da graduação. Dessa forma, a partir de 2017.2 o modelo vigente na UFC são 288 horas de estágio supervisionado a ser cumprido somente no último semestre do curso. Dentre as diversas questões que justificaram as alterações, está a incompatibilidade de horário entre estágio supervisionado obrigatório (sem remuneração) e estágios remunerados.

De acordo com a nova ementa a compilação dos três estágios em um único semestre tem por objetivo “[...] proporcionar segurança ao aluno no início de suas atividades profissionais, dando-lhe oportunidade de executar tarefas relacionadas às suas áreas de interesse e de domínio adquirido”. Para tanto o estágio foi dividido em três unidades de 96 horas cada, as quais devem proporcionar ao discente a imersão em atividades práticas, distribuída em:

a) **Unidade I- inserção no mercado de trabalho:** nessa etapa o estagiário é incitado a familiarizar-se com o ambiente da unidade informacional, a conhecer o acervo e os tipos de serviços que o ambiente oferece. Os sistemas de recuperação da informação (SRI), as políticas de atendimento ao usuário, sempre sob a orientação de um bibliotecário visando a melhor forma de realizar tais atividades. Tendo como principal atividade dessa unidade o atendimento ao usuário, o discente deve correlacionar suas práticas às disciplinas de Serviços de Informação, Gestão de Recursos Humanos em Unidades de Informação e Estudos de

Comunidade e de Usuários, buscando a tessitura entre as teorias e universo dinâmico e social do bibliotecário.

b) **Unidade II: Organização e tratamento da informação:** objetiva que o estagiário compreenda as dimensões do processamento técnico da biblioteca. Visando o exercício prático de teoria ministradas nas disciplinas de Indexação, Representação Descritiva I e, Linguagens Documentárias Alfanuméricas-CDD, Linguagens Documentárias Alfanuméricas-CDU. Nessa unidade o discente entenderá na prática os cuidados no processamento técnico almejando uma efetiva recuperação da informação, entendendo que o fundamento prático de uma atividade primordial como a catalogação tem por finalidade atender a necessidade do usuário, visto que, uma vez catalogado um item do acervo, todo o cuidado e atenção dispensada à linguagem utilizada, visa facilitar a recuperação do mesmo por parte do usuário e não somente a organização e o controle do acervo.

c) **Unidade III- Gestão e Planejamento de Unidades de Informação:** sendo a fase final do estágio o discente tem como atividade de avaliação além do relatório de atividades realizadas, a elaboração de um projeto de gestão para unidade onde se realiza o estágio. Isso, considerando o amadurecimento do estagiário no decorrer dos três estágios, sua compreensão das atividades inerentes ao exercício prático da função.

Para tanto, são aplicados conhecimentos técnicos, habilidades cognitivas no desenvolvimento de ações gerenciais e atitudes de proatividade nas relações interpessoais dentro do ambiente organizacional. As disciplinas consideradas pré-requisito para essa fase de vivências administrativas são: Gestão de unidades de informação; Organização, Sistema e Métodos; Planejamento de Unidades de Informação; Serviços de informação; e Estudo de usuários. Não podendo excluir disciplinas introdutórias que abordam o lado social da biblioteca, tais como, Sociologia, Filosofia, dentre outras.

Destarte, compreendemos que a orientação e o acompanhamento do bibliotecário são indispensáveis nessa etapa de aprendizado do estudante de Biblioteconomia, para que aconteça de fato a concretude das teorias apreendidas em sala de aula colocadas em práticas e vivenciadas durante o estágio.

Entendemos que é imprescindível a colaboração do bibliotecário orientador técnico, desempenhando o papel de mediador, propiciando condições necessárias para que o aprendiz aplique as lições acadêmicas na construção de competências práticas que o capacite para o mercado de trabalho. Portanto, do papel de orientador técnico exercido pelo bibliotecário, se requererá uma criticidade sobre seus atos e postura ética, que servirão de espelho para o supervisionado, o qual se encontra em formação e precisa:

[...] ter plena convicção e entendimento que a catalogação, classificação e a organização e manutenção do acervo é muito importante, e sem dúvida alguma, partes essenciais de nossas funções na organização de um acervo e agente facilitador de acesso, porém não deve ser encarada como foco principal em nossas tarefas que deve visar sempre o usuário, a principal razão de nossa existência! Sendo ele o foco e o motivo pelo qual devemos desenvolver trabalhos e ações na comunidade que nos rodeia e o fator necessário e imprescindível na carreira de todo bibliotecário. (MELLO; VIEIRA, 2012, p. 19).

Ratificar que a matéria-prima do bibliotecário é a informação em suportes variados, e que o ambiente de trabalho é tão variado quanto, desencadeará uma nova percepção do curso e da profissão em si, descortinando um horizonte de possibilidades bem mais complexo a partir do uso das tecnologias contemporâneas, utilizadas simultaneamente com os acervos tradicionais, tudo em prol do usuário.

As técnicas inerentes ao desenvolvimento de atividades próprias da profissão continuam sendo primordiais para sua realização, todavia o ambiente informacional sofreu mudanças significativas. Os novos contextos sociais e tecnológicos exigiram adaptação a novos conceitos de serviços de informação, papel do bibliotecário, bem como das necessidades do leitor.

A ubiquidade informacional oferecida pelos dispositivos móveis exigem novas posturas do bibliotecário, que não descarta nem o livro, nem as leis de Ranganathan, mas readéqua as exigências da sociedade atual, conforme nos fala Figueiredo (2013) ao remodelar as leis aplicando-as à Ciência da Informação:

1. A **informação** é para o uso; 2. A cada usuário sua **informação**; 3. Cada **informação** a seu usuário; 4. Economize o tempo usuário – e o seu corolário: economize o tempo dos cientistas da **informação**; 5. Um sistema de **informação** é um organismo em crescimento. (FIGUEIREDO, 2013, p.189, grifo nosso).

A informação se faz necessária e vital para o usuário. Para tanto, precisa ser disponibilizada de forma rápida e certa, independente do suporte; seu valor é proporcional à facilidade de acesso e à qualidade adequada ao anseio do usuário.

Os sistemas de Recuperação da Informação (SRI) deram autonomia aos usuários, contudo, além da autonomia há que se oferecer ao usuário um serviço de referência, o qual segundo Kenneth Whitaker tem “[...] a finalidade de permitir que as informações fluam eficientemente entre as fontes de informação e quem precisa de informação,” (GROGAN, 1995, p.8).

São diversas possibilidades que se apresentam nesse momento da graduação e, para que possam atender a todas as expectativas de aprendizagem, o discente/estagiário precisa assumir um papel proativo, mostrando-se disposto a aprender, agindo com profícuo interesse

nas atividades propostas, não somente na sua execução automática, mas buscando entender os processos e as responsabilidades inerentes ao fazer bibliotecário, e para tanto, é imprescindível a mediação do bibliotecário como orientador técnico.

4 O BIBLIOTECÁRIO COMO ORIENTADOR TÉCNICO

O perfil do bibliotecário se modifica de acordo com os tempos, as tecnologias e as necessidades informacionais de cada época. Da antiguidade até um passado não muito longínquo, o bibliotecário era conhecido como profissional guardião de livros que compunham o acervo de uma biblioteca.

No entanto, como já descrito anteriormente, as mudanças históricas e sociais exigem também mudanças nos perfis profissionais e com o bibliotecário não poderia ser diferente. Assim, mudam os suportes, as tecnologias e as habilidades para tratar com o usuário e disponibilizar a informação tempestiva e eficazmente, considerando que esta se apresenta como fonte de poder para tomada de decisão de quem a busca. Como afirma Castro (2000, p. 3):

[...] dentre as várias transformações, a da informação é a que maior impacto causou no século XX, na medida em que não obedecem a fronteiras geográficas, linguísticas, culturais, políticas, educacionais, etc. Enfim, a revolução da informação tem se mostrado, em comparação às outras, a mais globalizada, isto é, não tem espaço determinado de origem. Entendemos revolução da informação a que está ligada ao uso do computador e condicionada ao desenvolvimento da microeletrônica e das telecomunicações [...]. (CASTRO, 2000, p.3).

Com isso, o papel do bibliotecário tem assumido novas características passando de guardião de livros a gestor de unidades de informação, consultor em unidades informacionais, promotor de ação cultural, dentre outros. Percebemos que as possibilidades de ação se expandiram consideravelmente. Cysne (1993, p.102) ressalta que o bibliotecário é “um elemento da sociedade que participa de alguma forma do processo de mudança do *status quo* vigente, seja ele econômico, social, intelectual, cultural”, contudo seu papel ainda tem sido pouco valorizado no cenário atual. Cabe a ele assumir uma postura mais ativa no cenário em que esteja atuando, seja numa biblioteca ou em outra unidade informacional, sua atuação consciente do poder da informação ora organizada, gerida e disponibilizada, mostrará ao público seu valor.

Dentre os múltiplos papéis a desempenhar nas unidades de informação, esse profissional assume ainda a função de educador, sendo responsável pelo acompanhamento dos discentes do curso de Biblioteconomia, visto que a disciplina de Estágio Supervisionado Obrigatório faz parte do currículo acadêmico vigente. Nesse ponto, o bibliotecário assume a responsabilidade de convergir teoria em prática.

Desvendar a efetiva contribuição do bibliotecário, na formação profissional do discente, o qual de acordo com o Parecer do Conselho Nacional de Educação Superior nº 492/2001 deve apresentar ao final do curso competências para:

[...] gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; formular e executar políticas institucionais; elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; utilizar racionalmente os recursos disponíveis; desenvolver e utilizar novas tecnologias; traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres; responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo a cada período pelas diversas disciplinas independente da área. (Parecer CES 492/2001, p.32).

Um preâmbulo de um manual de qualificações a serem trabalhadas durante a graduação, todavia, por mais dedicado que seja o aluno, há habilidades que somente na vivência extramuros acadêmicos poderão ser desenvolvidas.

No entanto, é inegável que questões pretéritas que ainda se perpetuam nos discursos, do detrimento do papel social em prol das técnicas, da falta de engajamento, dentre outras, são fatos, os quais, em grande parte podem ser justificados pelas conclusões de Cysne (1993, p. 135) “os profissionais pressionados pelo volume de tarefas requeridas pela rotina de trabalho, não encontram tempo e/ou motivação para buscarem novos métodos de trabalho [...]”

Diante desse contexto, desempenhar um papel de orientador técnico exigirá do bibliotecário uma carga extra de trabalho, considerando que suas tarefas rotineiras continuam em pauta, enquanto o orientando necessita de atenção especial para que as atividades não sejam desempenhadas de forma automática e até errônea por inaptidão do desenvolvimento das atividades propostas, acarretando danos no desenvolvimento posterior das rotinas no ambiente.

Compreendemos assim, que não basta a disposição do bibliotecário em receber um estagiário no seu ambiente de trabalho, ele assume também o compromisso com o papel de educador, no que tange à concretização por parte do aprendiz das teorias ministradas pelo docente em sala, em forma de atividades práticas exigidas no desenvolvimento do “fazer técnico”. Para tanto, o orientador técnico desempenha o papel de mediador, nessa transição entre teoria e prática, quando se estabelece uma mediação pedagógica nos moldes de Santos e Rezende (2002), apontados por Silva e Farias (2017):

A mediação pedagógica se realiza pelo diálogo, pela troca de experiências e debate de questões de forma investigadora, pelo auxílio à seleção, organização e avaliação de informações, cooperação entre os participantes, pelo desenvolvimento de uma ação educativa que promova a construção ativa. (SILVA; FARIAS, 2017, p.108).

Essa troca de experiências é vital para que o discente ratifique as relações entre as teorias e as ações ocorridas no ambiente informacional onde atua. Experiências que poderão fortalecer o diálogo entre academia e sociedade, além de contribuir com o profissional ao lhe possibilitar atualização com as percepções construídas na academia.

A mola propulsora dessa construção é o diálogo aberto, uma postura ética diante da realidade e das dificuldades dos envolvidos nesse processo da orientação técnica como parte valiosa da graduação. Silva e Farias (2017) ao descreverem diversos tipos de mediação ressaltam conexões entre elas apontando que apesar de:

[...] contradições e complementos, a lógica mais proficiente é a de que são interligadas como atividades holísticas e estratégicas no sentido de que a mediação da informação precisa do institucional para se estabelecer estrutural e gerencialmente, além do técnico e pedagógico para se estabelecer no caráter social e pragmático dos sujeitos (comunidade de usuários) envolvidos na mediação da informação [...] (SILVA; FARIAS, 2017, p.111).

Ou seja, a complexidade das relações sociais se manifesta também nas construções conceituais, não sendo possíveis definições absolutas e limitantes para questões interdependentes das percepções e atitudes coletivas dos sujeitos envolvidos em suas construções, logo mediar é um verbo que exige o complemento do encontro e da partilha com o outro.

4.1 Mediação na perspectiva da orientação técnica

A mediação é um processo de relações interpessoais que fogem a mensuração de dados estatísticos. Uma teia de complexidades resultantes das construções socioculturais introjetados pelos indivíduos que internalizam padrões de comportamentos tão arraigados, que são assumidos como características peculiares de cada um, intrínsecos da natureza dos sujeitos, os quais esquecem ou mesmo desconhecem que “a cultura é o processo através do qual o homem cria o algo onde antes imperava o nada. Esse algo é toda complexidade de criações simbólicas, de sentidos e significados que damos às coisas e ao mundo.” (FEITOSA, 2016, p.102), ou seja, nossas concepções diante da vida e das relações pessoais e profissionais.

Somente em ações conjuntas a mediação pode ocorrer na educação, sendo defendida por Paulo Freire como uma ação dialógica entre educador e educando:

[...] uma situação gnosiológica, onde o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador de um lado, educandos de outro, a educação problematizadora, coloca,

desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 1987, p.39)

Assim, o conhecimento é construído a partir do entendimento, que este não é produto acabado, a ser transmitido ao sujeito cognoscente, ou seja, ao que ainda não conhece (o aprendiz), mas é um processo a ser construído em conjunto, entre educador e educando, no caso, entre orientador e estagiário, cada qual contribuindo com suas bagagens cognitivas em um processo contínuo de construção de conhecimento mútuo. Freire (1987, p.39) corrobora tal concepção ao afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

O bibliotecário na orientação técnica mediatiza o desenvolvimento de competências no discente, entretanto, se faz necessário uma participação ativa do estagiário, ratificando o entendimento de que a mediação “[...] antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas [...]” (FARIAS; VARELA, 2013, p.176), uma relação social construída entre bibliotecário e o estagiário sob sua orientação, durante o estágio.

É importante ressaltar que a contribuição do bibliotecário é fundamental no desenvolvimento de competências do profissional em formação. Todavia, o essencial é a proatividade discente que vem sendo proposta desde seu ingresso na universidade, onde ele é convidado constantemente a empoderar-se do seu desenvolvimento intelectual, cognitivo e social. Assim, ser proativo é assumir uma nova postura diante das possibilidades de aprendizagem:

[...] respondendo prontamente aos questionamentos de forma solícita, se dispondo a aprender continuamente; procurando utilizar os recursos disponíveis para obter sucesso nas atividades empreendidas, formulando estratégias, mostrando-se hábil para superar obstáculos diários durante a execução do seu labor; aprender a aprender, saber envolver-se também com a situação apresentada e se sentir estimulado a buscar cada vez mais melhorias para si, para o ambiente de trabalho [...]. (FARIAS, 2016, p.121).

Caso o discente tenha assumido o compromisso com a própria formação desde o início no seu percurso na academia, apresentar-se-á no ambiente laboral de forma ética e profissional, com atitude de profícuo interesse em colaborar com o seu orientador, interagindo de forma comprometida com a aprendizagem e com as atividades propostas, buscando nesse processo aprender com as experiências de quem está no mercado.

Logo, fazer esse trajeto com a participação colaborativa de um orientador competente e prestativo na arte de guiar, certamente evitará tropeços no desenvolvimento das atividades futuras. É certo que, esse momento exigirá desse orientador além de competências,

a consciência da sua responsabilidade na formação do profissional que está em desenvolvimento. Uma mediação pedagógica e comportamental agregando conhecimentos técnicos e cognitivos que perpassarão o período de formação acadêmica, consciente que:

[...] mediar o conhecimento, com objetivo de promover o desenvolvimento do protagonismo social por meio de competências em informação, requer do mediador autoconhecimento profissional, tendo em mente que todas as ações devem ser realizadas sempre em conjunto, e de forma dialógica com todos os sujeitos envolvidos [...]. (FARIAS, 2016, p.107).

É imprescindível assim, o diálogo almejando a troca de saberes e vivências práticas e acadêmicas entre aprendiz e profissional possibilitando uma etapa significativa na construção de competências que resultarão no bom desempenho profissional no futuro.

Todavia, para que aconteça essa dialética de saberes, primeiramente é preciso saber quais competências o bibliotecário possui e que podem ser apresentadas ao discente no decorrer do estágio, para que este desenvolva suas habilidades, consciente de quais competências o mercado tem exigido desse profissional.

4.2 Bibliotecário: competências necessárias no desempenho da função

A sociedade contemporânea tem sido costumeiramente conceituada de sociedade da informação, por dispor de vertiginosas possibilidades de acesso ao conhecimento gerado e compartilhado por um cabedal tecnológico também de grande potencial.

Parte dessa mesma sociedade tem ciência da importância e da força desempenhada pela informação, todavia, poucos refletem sobre a necessidade da organização desse manancial de saberes, para seu efetivo uso. Menos ainda, conhecem as competências imprescindíveis para quem se candidate a tal ofício. O discente de biblioteconomia também irá descobrir no decorrer da sua formação, incluindo o estágio, quais competências lhe serão exigidas para atuar na área.

Há um consenso que para atuar nesse ambiente prolífero de informação é vital o desenvolvimento de competências, contudo, não há uma prescrição exata, indicando quais as competências necessárias: técnicas, comportamentais, dentre outras. Tampouco como desenvolvê-las, ou como identificá-las. Contudo, entendemos que o primeiro passo é entender o significado de tal termo.

Segundo Farias e Belluzo (2015) o termo competência provém da Idade Média, quando era utilizado na área jurídica para designar a capacidade de julgar algo e ainda hoje no âmbito jurídico é utilizado para esse fim, designar a quem compete julgar. Trazendo para

contemporaneidade Gasque (2003) diz que o termo surge na área administrativa com intuito de capacitar as pessoas para o uso da tecnologia em busca da qualidade total nas empresas. E a mesma autora, deslocando o termo para a educação afirma que competência é “a intenção de superar a lacuna existente entre os conhecimentos propiciados pela escola e aqueles requeridos pelo mercado.” (GASQUE, 2010, p. 86).

Nessa perspectiva Farias e Belluzo (2015) destacam os elementos necessários à mudança no contexto educacional para o desenvolvimento de competências a partir do ambiente acadêmico:

[...] o desenvolvimento de competências por meio do ensino é motivado por três fatores [...] **mudança na própria estrutura dos conteúdos ministrados na universidade.** [...] a **pressão social sobre a necessidade de funcionalidade das aprendizagens,** forçando a introdução de competências. Por último a **função social do ensino** [...] (FARIAS; BELLUZO, 2015, p.36, grifo das autoras).

Desenvolver competências é um processo de construção onde o indivíduo precisa estar atento ao contexto para captar as necessidades, os anseios e as possibilidades de contribuir com a satisfação dessas. Esse processo deve começar a ser moldado a partir dos discursos acadêmicos, possibilitando a concretização nas práticas além da universidade.

Barbalho (2014, p.98) define como componentes da competência os conhecimentos, as habilidades e as atitudes (CHA). Para tanto a autora esclarece que “o conhecimento corresponde a uma série de informações assimiladas e estruturadas pelo indivíduo, que lhe permitem entender o mundo, ou seja, a dimensão do saber”. A tríade, contudo, é interdependente, ou seja, não basta saber fazer, aplicando o conhecimento construído no decorrer da vida em habilidades práticas. A atitude do querer fazer agrega valores morais, éticos e culturais que são sedimentados no desenvolvimento individual de cada ser, consubstanciando-se nela (atitude) a manifestação dos elementos constituinte da competência.

Já Leme (2005) é bem objetivo ao dividir as competências de um modo geral entre técnicas e comportamentais, sendo:

Competências técnicas [...] tudo o que o profissional precisa saber para desempenhar sua função, por exemplo, idiomas, sistemas de computação, ferramentas [...] Comportamentais é tudo que o profissional precisa demonstrar como diferencial competitivo [...] criatividade, flexibilidade, foco em resultados e no cliente, organização, planejamento, liderança e tantas outras (LEME, 2005, p.15)

Ao desempenhar o papel de orientador técnico, o bibliotecário contribui com o orientando no desenvolvimento das competências técnicas, no entanto, as comportamentais ficam na tênue questão da mediação definida por Paulo Freire como uma questão “dialógica”,

ou seja, algumas questões dependem quase exclusivamente do sujeito em formação. A criatividade é um exemplo real dessa dependência do esforço próprio para o seu desenvolvimento. A flexibilidade também é uma competência desenvolvida a partir da maturidade de cada indivíduo sedimentada nas vivências de cada um. Logo, entendemos que a contribuição do bibliotecário na formação discente é vital, mas não o isenta da proatividade nesse processo, ou seja, o interesse próprio em buscar, questionar e colocar-se à disposição de uma aprendizagem colaborativa que desencadeará o enriquecimento da própria formação.

Ao tratar especificamente das competências basilares ao profissional da informação, Barbalho (2004, p.5) apresenta seis tipos de competências delineadas no estudo de Vendrell e Miranda (1999): intelectual, prática, interativa, social, éticas e estéticas.

Nesta perspectiva, entendemos que o discente precisa se empenhar no desenvolvimento das competências destacadas por Vendrell e Miranda (1999) citadas por Barbalho: **competência intelectual** requer conhecimento construído nas leituras e interpretações de mundo do sujeito cognoscente; **competência prática** dependerá das contribuições sociais, mas também da proatividade no desenvolvimento de atividades proposta; **competências ética e estética** requerem além do comportamento social adequado ao meio um senso crítico intersubjetivo no que compete à questões imensuráveis que fogem da arte de ensinar, mas são inerentes ao ser, na concepção de distinguir questões metafísicas (Quero? Posso? Devo?); **competência interativa** (capacidade de conviver em grupo); **competência social** (capacidade de liderar e ser subordinado); essas duas últimas dependem das relações construídas desde o seio familiar, comunidade acadêmica e profissional, respeitando as diferentes ideias e comportamentos sociais.

Ao cotejarmos as concepções dos autores acima podemos identificar algumas semelhanças entre as competências técnicas de Leme (2005) equivalente às competências práticas descritas por Vendrell e Miranda (1999), bem como as competências: ética, estética, interativa e social correspondentes às competências comportamentais definidas por Leme, o que demonstra consonâncias entre os conceitos.

As relações construídas entre estagiário e bibliotecário, podem contribuir no desenvolvimento de tais competências ao mostrar ao discente, na prática, que a dinamicidade das competências exigidas varia de acordo com os papéis a desempenhar dentro de uma unidade informacional, como descreve Barbalho (2004, p.7):

Administrador/planejador - formulador de políticas de condução e ação; gestor dos recursos e coordenador do processo de avaliação dos resultados a partir das políticas institucionais; Técnico - processador, analista e preparador da informação requerida pelo usuário, conforme as políticas institucionais; Assessor - difusor da informação;

Autônomo - utilizador dos novos espaços que o mercado oferece [...] (BARBALHO, 2004, p.7)

Para atender a tais perfis o bibliotecário necessita mais que competências técnicas e comportamentais; precisará desenvolver a competência em informação, a qual, segundo Farias e Belluzo (2015), é a capacidade de reconhecer a necessidade da informação, saber identificá-la, e usá-la de forma responsável e proveitosa. Destarte podemos considerar tal competência primordial a qualquer profissional, para o bibliotecário, no entanto, torna-se imprescindível, considerando as facilidades de acesso possibilitadas pelas inúmeras ferramentas que a tecnologia e o uso maciço da internet dispõem aos usuários da informação. Se antecipar, detectando necessidades e possibilidades de uso pode ser um grande diferencial no mercado.

Precisamos compreender, porém que a competência em informação requer mais do que a tríade do CHA, **C**onhecimento (saber), para desenvolver **H**abilidades (saber o que fazer como agir) exige uma prática, que pode ser construída, diretamente com a contribuição do bibliotecário orientador durante o estágio supervisionado, e que **A**ttitude é a única das características que depende exclusivamente do discente. A participação ativa do bibliotecário e do estagiário é fundamental para a construção de competências do aprendiz, não havendo um único responsável para tanto, mas um processo de construção conjunta com contribuições e responsabilidades inerentes a ambos protagonistas desse processo. O estagiário ainda deve mostrar-se interessado, indagando sobre o que considerar necessário para a melhoria das ações que realiza na unidade de informação. Dessa forma, poderá atender as expectativas de aprendizagem exigidas durante o ESO.

Nesta perspectiva, compreendemos que mediar envolve a construção de competências, de anseios e percepções múltiplas que afetam diretamente no perfil de um profissional em formação, que almeja adentrar no mercado trabalho competitivo, exigente e cada dia mais imprevisível. Dessa forma, para saber quais competências são desenvolvidas a partir dessa relação de interferência mútua, primeiramente é necessário traçar um perfil do bibliotecário, para saber quais competências lhe são exigidas já que:

[...] em termos organizacionais a competência concentra-se na análise da contribuição do indivíduo para a organização, bem como o modo como ela é concretizada, exigindo-se assim, não uma competência, mas um conjunto delas que envolve tanto um saber geral, quanto um conhecimento específico para o exercício da atividade (BARBALHO, 2004, p.2).

Em tempos de intensas possibilidades de acesso à informação de forma remota, rápida e ilimitada, o leque de competências se amplia para todo profissional, para o

bibliotecário, no entanto, se torna um requisito básico acompanhar as novidades oferecidas pelos avanços tecnológicos e diante da impossibilidade de aprender tudo, a troca de experiências pode agregar valor para os sujeitos envolvidos em âmbitos social, institucional e pessoal.

Buscando desvendar tais possibilidades, nos propomos a identificar do ponto de vista dos bibliotecários, quais competências em informação, mas também técnicas e comportamentais são exigidas pelo mercado, e quais dessas foram ou são possíveis de desenvolver durante o estágio supervisionado. Nesse intento, foram traçados os procedimentos metodológicos delineados a seguir.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Definir o caminho a ser trilhado para alcançar uma determinada meta é o primeiro passo para obter o sucesso de qualquer projeto, mesmo nas rotinas diárias. No desenvolvimento de uma pesquisa científica, também se faz necessário definir etapas e meios para alcançar os objetivos propostos. Assim como para as tarefas cotidianas, os procedimentos metodológicos são definidos em consonância com as atividades e resultados aspirados, também nas ciências há uma direta relação entre métodos científicos e finalidade almejada.

A pesquisa se constrói, portanto, na tentativa de desvendar as percepções dos sujeitos envolvidos quanto às contribuições do bibliotecário como orientador técnico no desenvolvimento de competências necessárias para atender às exigências do mercado e, para tanto, há de ser desenvolvida dentro do contexto social onde estão inseridos tais sujeitos.

Tendo esta pesquisa o objetivo de vivenciar os ambientes e as percepções dos sujeitos que os constroem, entendemos que a abordagem qualitativa é a mais adequada na construção desse processo, considerando que:

[...] a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de interpretações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Nesse cenário natural, onde ocorrem as atividades cotidianas dos sujeitos pesquisados é que se desenvolveu o contato interpessoal, entre entrevistadora e entrevistados, buscando captar as mensagens subliminares dos discursos não explicitados. Farias (2014, p.111) corrobora nossa ideia de conhecer o ambiente e seus atores quando se pretende aplicar a pesquisa qualitativa, explicando que esta:

[...] não tenta aplicar conceitos pré-existentes, e os instrumentos e técnicas de pesquisa são elaborados a partir do que o pesquisador sente ao conhecer os sujeitos e a realidade que os cerca no campo de pesquisa. Inferimos que isso faz parte de uma postura socialmente responsável.

Minayo (2012) ressalta a questão do respeito às idiossincrasias dos sujeitos e dos seus valores na abordagem qualitativa, considerando que:

[...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2013, p.21)

Tendo a pesquisa o interesse de desvendar as concepções dos sujeitos quanto às competências desenvolvidas durante o estágio e suas adequações às exigências do mercado de trabalho, entendemos que a abordagem qualitativa possibilitou essa descoberta a partir da proximidade com o contexto e seus atores na cotidianidade de suas atividades.

Trata-se de pesquisa de nível exploratória tendo “como principal finalidade, desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos, ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 1999, p.27), ou seja, a pesquisa nesse nível é utilizada nos primeiros passos de quem almeja ambientar-se com o objeto de estudo tentando o aprofundamento em estudos posteriores. Nessa perspectiva, buscamos alcançar os objetivos propostos quanto às competências técnicas, comportamentais e informacionais desempenhadas pelo bibliotecário no mercado de trabalho e como ele desenvolve tais qualificações.

Lakatos e Marconi (2003) corroboram com as concepções de Gil ao descreverem a pesquisa exploratória com uma investigação que tem uma:

[...] tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. Empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos ou para a obtenção de observações empíricas ou para as análises de dados (ou ambas, simultaneamente). Obtêm-se frequentemente descrições tanto quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado. Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo etc., para o estudo relativamente intensivo de um pequeno número de unidades, mas geralmente sem o emprego de técnicas probabilísticas de amostragem [...]. (LAKATOS, MARCONI, 2003, p.188).

As ideias de Lakatos e Marconi (2003) vêm ao encontro de nossas opções, considerando ser esta pesquisa, o primeiro passo a caminho da construção de um panorama do desenvolvimento profissional do bibliotecário. Para tanto, buscamos um contato mais próximo através das entrevistas *in loco* nas unidades informacionais onde os participantes atuam, buscando identificar correlações entre as teorias trabalhadas em sala de aula e as percepções de ação desses profissionais em suas atividades.

Para coleta dos dados utilizados na pesquisa foi aplicada a entrevista semiestruturada (Apêndice D), entendendo sua adequação como instrumento que possibilita o respeito às

singularidades dos sujeitos pesquisados, permitindo, contudo, um rumo no sentido dos objetivos propostos.

Dessa forma, a partir das reflexões de Boni e Quaresma (2005), entendemos que entrevista semiestrutura possibilita um diálogo informal sem, contudo, desencadear para assuntos divergentes do objetivo proposto, considerando que segundo as autoras, esse tipo de entrevista:

[...] combina perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. (BONI; QUARESMA 2005, p.75).

O uso da entrevista semiestrutura se materializa através de um roteiro, dando aos sujeitos (pesquisador e entrevistado) a possibilidade de uma interação, considerando que o “entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2013, p.64).

Foi desenvolvida também uma nota explicativa (Apêndice C), com o intuito de ambientar os entrevistados aos conceitos aplicados na pesquisa e um questionário complementar (Apêndice E). Tais instrumentos foram aplicados com o intuito de não desviar o foco almejado, e possibilitar a flexibilidade para um diálogo mais interacionista. Respeito e discernimento para entender o tempo e o espaço de cada sujeito, possibilitaram um diálogo aberto e enriquecedor quanto à contribuição do entrevistado buscando um resultado claro e objetivo.

Para analisar os dados, utilizamos a técnica de análise de conteúdo (AC), pois consideramos essa técnica ideal para subsidiar um resultado mensurável entre discurso e ação dos sujeitos. Conforme Bardin (1977, p. 42):

Análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores, (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos à produção/recepção (variáveis ou inferidas) destas mensagens.

Conforme Minayo (2013), a AC nasce na efervescência do positivismo científico quando um dos integrantes da Escola de Chicago, responsável pelas correntes de *Mass Communication Research*, Harold Lasswell vê na propaganda um meio de adesão e manipulação das massas, dessa forma a análise de conteúdo é utilizada inicialmente como técnica quantitativa. No decorrer dos anos e das percepções científicas passa a ser considerada

num viés mais complexo de interpretações mais subjuntivas, sendo atualmente utilizada na pesquisa qualitativa.

De acordo com Bardin (1977) “[...] o que se procura estabelecer quando se realiza uma análise conscientemente ou não, é uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas (por exemplo: condutas, ideologias, e atitudes) dos enunciados [...]”. (BARDIN, 1977, p.41).

Apoiando-se em Bardin, Gomes (2012) orienta que uma das diversas técnicas aplicadas na AC a ser utilizada é a análise de expressão, na qual “[...] trabalhamos com indicadores para atingir a inferência formal. Através dela, partimos do princípio de que existe correspondência entre o tipo de discurso e as características do interlocutor e de seu meio [...]”. (GOMES, 2012, p.86).

Objetivando captar a relação entre a fala e as ações dos entrevistados, que atendessem os objetivos propostos, definimos as categorias abaixo. Ressaltando que o princípio da “[...] categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, e seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia) com os critérios previamente definidos [...]”. (BARDIN, 1977, p.117)

Seguindo os pressupostos de Bardin (1977), definimos as seguintes categorias de análise:

- a) **Visão do bibliotecário quanto à relevância do estágio supervisionado no desenvolvimento de competências** - captar o olhar dos profissionais sobre o nível de significância do estágio para a formação profissional, e como essa etapa na vida acadêmica influenciou sua própria formação profissional;
- b) **Competências que foram desenvolvidas durante o estágio supervisionado** – as competências técnicas, comportamentais, competência em informação, são desenvolvidas em menor ou maior grau nos diversos âmbitos da vida; essa categoria aborda o que foi possível desenvolver nesse período de que forma contribuiu para a vida pós-academia;
- c) **A influência do bibliotecário no desenvolvimento de competências** - buscamos neste item identificar o resultado da ação desse profissional para a formação do perfil profissional dos entrevistados, ou seja, como o orientador (bibliotecário) serviu de referencial para o desempenho profissional do entrevistado;
- d) **A perspectiva bibliotecária quanto às competências exigidas pelo mercado de trabalho** - nesta categoria objetivamos identificar o ponto de vista de quem

já vivencia a realidade profissional sobre quais as competências exigidas no mercado para quem intenta atuar como bibliotecário. Diante de uma vasta lista de exigências, buscamos detectar as principais competências a serem apresentadas do ponto de vista dos participantes.

Para responder a cada categoria, selecionamos os sujeitos da pesquisa, bibliotecários que estão em plena atividade no mercado de trabalho, independente da área de atuação (arquivo, bibliotecas ou outros ambientes informacionais). Assim, o público-alvo foi delimitado a profissionais que se formaram no ano em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará em 2005 e em 2015. Nesse recorte temporal dos sujeitos almejamos captar diferentes perspectivas dos dois grupos, quanto ao que foi desenvolvido durante os estágios, além das mudanças no perfil do bibliotecário, necessárias para atender as demandas da sociedade atual.

Em relação ao recorte temporal para a escolha dos sujeitos da pesquisa, justificamos tal delimitação primeiramente no ano de 2005 ocorreu a primeira alteração no projeto pedagógico do curso, a qual buscou atender as exigências tecnológicas e sociais da época. A segunda motivação ocorreu em virtude das diferentes modalidades de estágio, considerando que alguns dos entrevistados passaram pela experiência de estágio supervisionado somente no último período do curso, enquanto os formados em 2015 vivenciaram a mesma quantidade de horas do estágio, dividido em três períodos, e também entendendo que a atuação do primeiro grupo com uma média de dez anos possibilita percepções sobre as diferenças tecnológicas e sociais nos ambientes informacionais.

Para obtermos dados que atendessem a categoria **(a)** que trata da **visão do bibliotecário quanto à relevância do estágio supervisionado no desenvolvimento de competências** (competência em informação, técnicas, em gestão e comportamentais), nos baseamos na primeira questão do roteiro (Apêndice D), solicitando ao entrevistado que descrevesse suas considerações quanto ao valor do estágio supervisionado na sua formação.

Quanto à categoria **(b)** que trata de **quais competências foram desenvolvidas no estágio supervisionado** utilizamos o questionário complementar (Apêndice E), aplicado no final da entrevista tentando correlacionar os diálogos as atividades práticas de rotina.

Para construção do questionário complementar elaboramos uma tabela embasada nos teóricos da pesquisa que tratam de competências técnicas, comportamentais (LEME, 2005), competência interativa e social, aplicadas à gestão de pessoas (BARBALHO, 2014), catalogação, classificação e organização de um acervo (MELLO, VIEIRA, 2012),

competência em informação (FARIAS, BELLUZO, 2015). A partir do referencial teórico definimos questões que se enquadrassem em quatro tipos de competências conforme quadro abaixo:

Quadro 1- Competências do bibliotecário

COMPETÊNCIA TÉCNICA	COMPETÊNCIA INFORMACIONAL
<ul style="list-style-type: none"> • Faz uso de CDD na catalogação; • Faz uso de CDU na catalogação; • Faz uso Tabela de Cutter/PHA; • Uso catálogo online na gestão do acervo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolveu e aplicou projeto cultural; • Já se responsabilizou pelo desenvolvimento de coleção? (seleção, aquisição, descarte); • Busca a informação via eletrônica utilizando métodos variados; • Teve que decidir pela implantação de sistema automatizado.
COMPETÊNCIA EM GESTÃO	COMPETÊNCIA COMPORTAMENTAL
<ul style="list-style-type: none"> • Gerencia equipes; • Já aplicou suas experiências de vida na resolução de conflitos com usuário; • Teve que administrar algum conflito entre colaboradores; • Recebe estagiários. 	<ul style="list-style-type: none"> • Já propôs um projeto que considerava importante e foi negado pela chefia; • Já mudou de trabalho por insatisfação com as condições de trabalho; • Prestou algum serviço autônomo; • Realizou algum curso de capacitação antes de entrar mercado de trabalho.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas referências citadas.

No questionário complementar (Apêndice E), as questões foram dispostas de maneira aleatória, ou seja, misturamos competências técnicas, comportamentais, competências em informação e gestão de pessoas. A ideia foi captar naturalmente dos entrevistados, as atividades realizadas em seu ambiente de trabalho, e a forma como desenvolveu tais competências, se: durante o estágio, sozinho na prática, ou com outros profissionais. Depois de aplicarmos os questionários, partimos para a análise de dados, distribuindo as questões de acordo com o quadro acima, correlacionando cada atividade ao tipo de competência correspondente.

Dessa forma, se um entrevistado respondeu que faz uso de CDD nas atividades, e que aprendeu durante o estágio sob a orientação do bibliotecário, consideramos ser essa uma **competência técnica** mediada pela ação do orientador técnico, ou ainda, se o entrevistado ressaltou que aprendeu já no mercado de trabalho de forma autodidata. Correlacionar o questionário às entrevistas foi uma forma assegurar uma conexão entre discurso e prática, assim sucessivamente fomos atribuindo competências aplicadas na rotina de trabalho e detectando a forma como foram desenvolvidas.

No que se refere à categoria c) quanto às competências possíveis de desenvolver com a mediação bibliotecária, nos baseamos na segunda questão do roteiro (Apêndice D), ao

indagar dos participantes sobre as contribuições do bibliotecário para sua formação profissional.

E finalmente, para substanciar a categoria d) o ponto de vista dos bibliotecários sobre às competências exigidas no mercado atual, fizemos um consolidado do questionário complementar (Apêndice E), buscando identificar as atividades mais citadas no desempenho de suas atribuições atuais. Além disso, durante a entrevista pedimos aos participantes que finalizassem sua participação com alguma reflexão sobre o que consideravam como competências imprescindíveis para quem almeja concorrer a uma vaga no mercado atual. Tais instrumentos subsidiaram nossa coleta de dados.

5.1 Dados coletados

Após a construção dos instrumentos de coleta de dados, solicitamos à coordenação do curso de Biblioteconomia da UFC um relatório do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) dos bibliotecários formados no ano de 2005 e no ano de 2015. Utilizamos uma amostra intencional, considerando o que preceitua Richardson (1985) quando a escolha de sujeitos atendam as qualificações do público-alvo. No caso em questão, bibliotecários que estejam atuando no mercado, exercendo a profissão de bibliotecário.

Gil (2006, p.145) nos esclarece que a opção por uma amostra intencional deve ser utilizada quando “os indivíduos são selecionados com base em certas características, tidas como relevantes pelos pesquisadores [...]. A intencionalidade torna uma pesquisa mais rica em termos qualitativos [...]”. Diante dos objetivos propostos entendemos que as exigências definidas para a amostra, ou seja, pudessem suprir as questões levantadas.

Dessa forma, o primeiro contato com os sujeitos da pesquisa foi realizado por e-mail e Facebook. Um dos parâmetros para seleção foi saber se o potencial entrevistado estava exercendo a profissão atualmente. De uma lista de 59 formados, obtivemos retorno de 19, sendo que, desse total alguns não se enquadravam nas características da amostra intencional, por não estarem exercendo a profissão, logo desconsideramos: cinco que se encontravam na pós-graduação, uma estudando Direito sem trabalho ou outra atividade profissional no momento e duas trabalhando em outras áreas.

Assim, atuando na área, obtivemos onze potenciais entrevistados. Desse total, alcançamos êxito com oito bibliotecários (**13,55% da população inicial**), os quais foram entrevistados entre 11 de setembro de 2017 e 22 de outubro de 2017. A outra parcela do

público em potencial, ou seja, que atendiam aos parâmetros definidos, não foi entrevistado em virtude da dificuldade de agendamento com os referidos profissionais.

O quadro abaixo foi estruturado a partir do Formulário de Prospecção (Apêndice A), o qual buscou identificar o perfil dos entrevistados.

Quadro 2- Perfil dos Entrevistados

BIBLIO	GÊNERO	FUNÇÃO	ÁREA DE ATUAÇÃO	IDADE	TEMPO DE AÇÃO
B1	F	Coordenadora de biblioteca	Mista	37	11 anos
B2	F	Autônoma	Autônoma	26	7 meses
B3	M	Bibliotecário	Mista	24	17 meses
B4	F	Coordenadora de biblioteca	Escolar	41	10 anos
B5	F	Bibliotecária	Especializada	34	10 anos
B6	F	Bibliotecária	Mista	34	10 anos
B7	F	Bibliotecária	Especializada	24	20 meses
B8	F	Bibliotecária	Universitária	34	09 anos

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Percebemos que a maioria dos entrevistados está na faixa etária entre 25 e 35 anos, tendo somente um na faixa dos 40 anos, o que justifica um discurso inovador, senso crítico sobre a própria atuação e a necessidade de uma formação continuada, ou seja, tendo um novo olhar sobre ser o objeto de trabalho: a informação para o usuário conforme preceitua Figueiredo (2013).

Quanto ao gênero, ainda se perpetua o estigma de profissão tipicamente feminina, o que pode mudar em um futuro próximo, considerando já termos atualmente uma significativa participação masculina no curso de Biblioteconomia na UFC.

O intervalo entre as entrevistas ocorreu em virtude da disponibilidade dos profissionais para encaixarem entre suas obrigações diárias um horário para entrevista, contudo, os encontros geraram 3h07min43seg de gravação, 49 folhas de transcrição, onde buscamos obter através dos instrumentos de coleta, “[...] um conjunto de técnicas de análise **das comunicações** [...]” (BARDIN, 1977, p.31). (**grifo nosso**). Conjunto esse formado pelos discursos, pelas comunicações não verbais, captadas na atuação dos sujeitos dentro do contexto do ambiente organizacional, análises aplicáveis na AC.

Seguimos as três fases da análise de conteúdo: na **pré-análise** realizamos uma leitura flutuante das transcrições buscando sintetizar as falas correlacionando-as as categorias

propostas. Na fase de **exploração do material** extraímos trechos que atendessem os objetivos propostos, além disso, buscamos vincular os discursos com as percepções captadas no ambiente organizacional. Partimos então para o **tratamento dos resultados, inferência e interpretação** dos dados tecendo cuidadosamente pontuações que permitissem fundir os elementos formadores da pesquisa: teorias e fatos a serem representados sob um novo discurso almejando mostrar à sociedade a realidade de acontecimentos por vezes despercebidos.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Tratar da participação do bibliotecário na formação do estudante de Biblioteconomia, durante o estágio supervisionado, exercendo uma mediação pedagógica, parte do entendimento que ele faz parte dessa construção, como mediador, consciente da sua parcela de responsabilidade no desenvolvimento profissional do discente. Quando dizemos “parcela” pretendemos deixar claro, que essa mediação carrega a semântica da concepção de Farias (2016, p.107) quanto ao ato de mediar; ou seja, um ato de construção conjunta, com a participação ativa de orientador e estagiário. Podemos captar isso no discurso da maioria entrevistados:

[...] Às vezes eu tinha uma percepção, mas ela como já tinha um (sic) certo domínio da área me explicava, então me ajudou bastante. É uma troca, a gente aprende com eles as técnicas, mas eu também sinto que contribui com a minha vontade, porque quando a gente tá fazendo o curso, a gente tem tantos sonhos, tantos ideais, tantas coisas novas, então existe essa troca também [...] (B4)

Partindo do princípio de mediação como uma ação dialógica, iniciamos a análise dos dados da categoria “a” que trata da **visão do bibliotecário quanto à relevância do estágio supervisionado no desenvolvimento de competências**. Observamos nas falas dos entrevistados, que houve quase unanimidade quanto ao valor das práticas de estágio, como a única maneira de vivenciar o contexto de todas as teorias expostas em sala de aula, como podemos visualizar no discurso de **B7**:

Então é essa experiência, e essa vivência que ela não pode ser repassada em sala de aula, primeiro pelo tempo, aliás, primeiro pelo fato de que nossos professores não têm essa vivência, hoje, as aulas de gestão [citou a professora] são muito diferentes das aulas de gestão que eu tive entendeu? Então eu acho que a diferença está aí. Está na questão da vivência. Esta na questão de atuar! É diferente a atuação no campo, a atuação do bibliotecário diretamente, do que, ele está em sala de aula, explicando **o que é** um estudo de usuário, e eu lá dentro da biblioteca aprender com o bibliotecário, aprender **como é que se dá** um estudo de usuário (B7). (grifo nosso)

No entendimento de **B7** quando a teoria está atrelada ao exercício prático, ou seja, no caso relatado, como a professora citada teve uma vasta experiência nas atividades bibliotecárias, ela considera que há um melhor desempenho em sala de aula, já que a docente partilha as próprias experiências, desenvolvendo metodologias de ensino mais eficazes.

Além, disso relatou vivências, as quais, segundo ela, somente nas atividades de campo podem ser experimentadas, sendo tal aprendizado, insubstituível no bom desenvolvimento do discente para sua futura atividade profissional:

[...] quando eu entreguei aquele documento que ele queria muito... E ele já tinha vindo outras vezes na biblioteca e tava (sic) constando que estava na biblioteca, mas ninguém conseguia encontrar no acervo e quando eu entreguei a ele: _ Ahhh! Ficou

tão... [refletindo com ar de satisfação] Com ar de louvor! Foi um negócio tão maravilhoso, e você não vê aquilo na sala de aula, porque é impossível né? (sic) (B7).

Já na pré-análise percebemos conexões e interrelações entre os depoimentos, pois alguns entrevistados passaram pelos mesmos locais de estágio, tendo experiências similares por conviveram com os mesmos profissionais. Compreendemos que isso contribuiu para o desenvolvimento de um determinado perfil, comportamentos e postura profissionais. Tal interpretação resulta de percepções da valorização do bibliotecário que serviu de orientador, do destaque dado à cultura organizacional, refletidas diretamente na postura profissional dos entrevistados.

As entrevistadas **B1** e **B6**, que estagiaram na mesma instituição e tiveram os mesmos orientadores técnicos, destacam a relevância do estágio supervisionado para o desenvolvimento de competências tanto técnicas quanto comportamentais, além de ressaltar a relevância para o próprio o entendimento da dimensão da profissão:

[...] é no dia a dia que a gente aprende, então assim, os estágios são fundamentais. Isso, assim, (sic) na minha vida foi crucial, foi onde eu me descobri, assim, porque no primeiro e segundo semestre eu ainda não entendia o que era a Biblioteconomia, eu não sabia direito. Quando eu comecei a estagiar foi onde eu realmente fui entender, foi onde eu me encontrei, que eu defini para mim qual o caminho que eu queria seguir [...]. (B6).

Essa mesma valoração transparece no discurso de **B1**, ao considerar o estágio como o lugar “[...] aonde o aluno tem o contato com o fazer profissional, antes, dele sair da universidade, né? (sic) E, é onde a gente vislumbra como que a gente quer estar atuando dentro desse mercado, então é uma oportunidade que, ela é muito rica [...]” (B1)

Observamos um alinhamento entre os discursos, de **B1** e **B6**, e do pressuposto de Laraia (1992) considerando que “[...] o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado [...] herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam [...]” (LARAIA, 1992, p.46). A nosso ver o processo acumulativo de conhecimentos, experiências e valores vivenciados no ambiente do estágio, juntamente com a proatividade dos atores, foram fatores determinantes para o que captamos durante a entrevista: uma postura ativa, dinâmica e otimista demonstrando um imenso amor à profissão, e muita gratidão à orientadora técnica, como mentora do perfil hoje apresentado, e à instituição que as recebeu, ressaltando o diferencial que tais oportunidades propiciaram em suas formações.

A bibliotecária **B4** destaca a importância do estágio como um todo, considerando o estágio remunerado, o qual ela vivenciou por dois anos. Segundo ela, o estágio

supervisionado obrigatório em um único semestre, se caracteriza como um período insuficiente:

[...] eu acho um semestre um tempo muito curto para você aprender muitas coisas, principalmente assim, a maioria das pessoas já tem um estágio remunerado, mas... O **supervisionado**, [destaca] ele tem um foco diferente, então eu acho que deveria ser mais tempo. **(B4)** (grifo nosso).

Ou seja, **B4** viveu o estágio supervisionado em um único período (modelo atual), o que do ponto de vista da mesma é insuficiente para o desenvolvimento de competências, caso o discente não venha a usufruir de estágios remunerados nos semestres iniciais do curso, como foi o caso dela que teve uma vasta experiência de estágio em instituições que contribuíram significativamente tanto para formação quanto para rede de relações profissionais que a possibilitaram adentrar ao mercado logo que se graduou.

Vale ressaltar que, todos os entrevistados destacam a importância do estágio para sua formação, contudo, todos tiveram experiências com os dois tipos de estágio (remunerado e supervisionado). Dando grande destaque ao estágio remunerado principalmente pela questão do período de até dois anos, bem como pelo compromisso assumido com a instituição, possibilitando um entendimento mais aprofundado da cultura organizacional, e do desenvolvimento de atividades próprias da profissão, como percebemos na fala da **B6**:

[...] A universidade, ela é muito pautada na teoria [...] o fazer bibliotecário eu aprendi com consistência foi nos estágios e daí à importância de se escolher, e de ter a sorte também, porque, às vezes, a pessoa quer, mas não tem a sorte, porque é crucial para o desenvolvimento [...]. **(B6)**

No entanto, além do tempo de duração do estágio e de instituições dispostas a receberem estagiários, há uma questão que preocupa o bibliotecário que assume o papel de orientador técnico durante o estágio: a falta de maturidade do discente. **B1** enfatiza isso como uma dificuldade no desenvolvimento profissional: “[...] eu percebo é que cada vez mais, a gente tem recebido alunos jovens, e que vem com certa imaturidade para essa prática profissional, pra (sic) esse contato profissional [...]”.

Percebemos uma relação direta entre o apontamento de **B1** e o entendimento de Farias e Belluzo (2015, p. 12) quanto à necessidade de uma aprendizagem significativa no sentido de ter um “[...] conhecimento prévio, disposição de apreender e potencialidade significativa do conteúdo a ser estudado [...]”. Conforme as autoras, algumas experiências em sala de aula poderiam contribuir para a formação do discente, mas muitas vezes são desperdiçadas por falta de uma visão mais ampla das propostas de ensino-aprendizagem:

Quando a gente entra na universidade muita gente, muitas pessoas não gostam, quando a gente tem seminário, e a gente fica apresentando pros (sic) colegas, depois parte para grandes seminários para outros colegas de turma, acham um terror! Mas... Mal sabem que são essas vivências, essas experiências que vão nos preparar para quando a gente estiver no mercado de trabalho, a gente representar a instituição para qual a gente foi contratada. **(B1)**.

Ou seja, a base teórica oferecida em sala de aula e a disposição para participar efetivamente das propostas de aprendizagem, correlacionando-as nas práticas profissionais e nas relações sociais que se desenvolvem em uma aprendizagem significativa, são fundamentais no estágio, seja supervisionado obrigatório, ou remunerado.

Para tanto, é primordial que o discente perceba-se como agente responsável direto por sua formação, entendendo que o estágio não é apenas uma oportunidade financeira, mas uma extensão da sala de aula, ou seja, onde as teorias deverão fazer sentido, e para tanto o compromisso é a chave mestra da aprendizagem, tanto para adquirir maturidade cognoscente quanto para sedimentar uma rede de relacionamentos como destaca **B1**, sobre os prováveis frutos a colher desse momento da graduação:

[...] a oportunidade de você vivenciar o dia a dia da instituição, de você aprofundar os seus conhecimentos, acerca das atividades que a instituição desenvolve, o **fazer bibliotecário** (ressalta), nessas atividades e também firmar laços, além de você ter uma projeção com o mercado, você poder fazer seu *networking*, e ao final se você tiver desenvolvido um bom trabalho o profissional que tá te orientando, ele te indicar pros outros colegas também, se você tiver desenvolvido um bom trabalho. Foi isso que aconteceu (sic) [...]. **(B1)** (grifo nosso).

Ainda refletindo sobre as colocações de Laraia (1992, p.46) quanto à força do meio cultural e a formação do homem, percebemos a influência da cultura organizacional, não apenas relacionadas às competências dos entrevistados, mas principalmente sobre o resultado das experiências de estágio. Assim, **B1** e **B6** tiveram experiências idênticas, pois estagiaram na mesma instituição e com os mesmos orientadores técnicos. Durante as entrevistas, apresentaram semelhanças em seus discursos tanto nas relações construídas quanto na valorização do ambiente organizacional.

Outra dupla que fez o estágio supervisionado na mesma instituição foi **B2** e **B5**, mas com um intervalo de dez anos entre ambos os estágios, já que uma se formou em 2005 e a outra em 2015. Mesmo assim, percebemos discursos semelhantes quanto a algumas limitações percebidas na orientação técnica. **B5** considerou o estágio, mas entende que: “[...] você vai praticando o que você aprendeu na faculdade, mas **o aprendizado de fato, ele acontece na prática**, [ressaltou] por mais que você se esforce nas disciplinas, faça as atividades, por mais que a gente vá para o estágio [...]”. (grifo nosso).

Diferente de outros entrevistados, **B5** acredita que a proatividade foi o que mais contribuiu para o seu desenvolvimento:

Eu estagiei na biblioteca pública e como eu te falei os profissionais geralmente, principalmente num órgão público eles estão há muito tempo lá. Geralmente, nem todos estão passando por processo de atualização, capacitação, não estão muito próximos do contexto da universidade, então eles nem sempre estão tão abertos para orientar, ajudar, para apoiar. Mas eu acho que, pelo menos pela experiência que eu tive, eu percebia que eles davam o melhor que eles podiam... Se eles não davam mais é porque eles tinham uma limitação, eles podiam ir até certo ponto. E aí, eu acho que cabe ao estudante ir buscar. (**B5**)

Assim como **B5**, **B2** também fez estágio em biblioteca pública e considera o estágio supervisionado como:

[...] uma das principais disciplinas, é a principal, porque durante toda a graduação são vistas as disciplinas teóricas e também práticas, mas só no estágio a gente pode desenvolver as competências e poder se deparar com as experiências diárias, com a própria cultura da organização, da biblioteca, das unidades de informações, poder entrar em contato com outros profissionais. (**B2**).

Apesar da valorização dada ao período de estágio, percebemos uma sutil diferença quando comparamos as falas de **B1** e **B6** (estágio instituição privada) com as percepções de **B5** e **B2** (estágio instituição pública) em relação ao papel do bibliotecário, como parte ativa no desenvolvimento das competências e uma expressão clara de valoração da mediação do bibliotecário no desenvolvimento profissional.

Essa disparidade de valores pode ser justificada por fatores que Buriolla (2011) apresenta como pontos negativos percebidos no estágio, quando há um descompromisso com a formação profissional do formando, em ambientes que captam estagiários para exercer atividades técnicas atinentes ao profissional, sem o devido acompanhamento, além de salários inferiores.

Um fato negativo levantado por alguns entrevistados que pode interferir no bom aproveitamento do estágio, é a pouca assistência do orientador pedagógico, causada pelas múltiplas atribuições designadas ao docente, mas questionada tanto por estagiários quanto por profissionais que assumem o papel de orientador técnico.

[...] Não é só o orientador, não é só o bibliotecário, você também tem que ter esse papel também de fazer de buscar, praticar. Porque, às vezes, é bem complexo mesmo. Porque é uma coisa bem da prática mesmo. Não é só uma coisa que você leu um livro aprendeu decorou... Não! É bem (sic) diferente! A prática profissional é bem diferente [...]. (**B5**)

A fala de **B5** ratifica a importância da proatividade na atividade profissional, já que na prática surgiram imprevistos que não foram vivenciados no decorrer da formação e exigiram uma tomada de decisão que somente ela como profissional responsável poderia solucionar. Para tanto, ela mesma exemplificou que precisa se antecipar aos problemas buscando soluções que não foram pensadas durante o estágio, tendo em vista, estar vivenciando um ambiente informacional para o qual não teve orientação prévia, no caso, a editoração eletrônica de revista científica, com questões de copyright, DOI (*digital object identifier*), dentre outras competências que teve que desenvolver através da educação continuada.

Quanto a pouca participação do bibliotecário no desenvolvimento de competências de **B5** e **B2**, inferimos tais percepções tanto no discurso quanto nas respostas do questionário complementar (Apêndice E), onde perguntamos se uma determinada competência foi desenvolvida durante o estágio, de forma autodidata ou com outros profissionais. Poucas respostas foram atreladas ao período do estágio, tendo várias atividades descritas como aprendidas na prática individual ou com outros profissionais, ou seja, ressaltaram a importância do estágio supervisionado, contudo, de forma subliminar consideraram a contribuição do bibliotecário menos relevante que o da dupla anterior, que destacaram o grande envolvimento tanto do profissional, quanto da cultura institucional agregando valores para além das habilidades técnicas.

Após analisar a primeira categoria e atender ao nosso primeiro objetivo específico, o qual visou identificar o olhar do profissional sobre a relevância do estágio supervisionado, partimos para a análise da categoria “b”, que trata da descrição de **competências que foram desenvolvidas no estágio supervisionado**.

Nesta categoria buscamos aplicar outras técnicas de análise de conteúdo, nos afinando a ideia de Bardin (1970), quanto às múltiplas possibilidades de linguagens. Assim, agregamos as mensagens captadas na entrevista, através do discurso, dos relatos de experiências, juntamente com o quadro de competências do questionário complementar (Apêndice E).

A ideia foi correlacionar às competências citadas, como desenvolvidas no decorrer da formação, com as aplicadas de fato nas atividades realizadas. Para tanto, recorreremos mais uma vez ao questionário complementar (Apêndice E) construído a partir de um simulado de competências (Quadro 1), inerentes a atividade bibliotecária, e que paralelamente pudessem atender aos pressupostos de Leme (2005) quanto às competências técnicas e comportamentais:

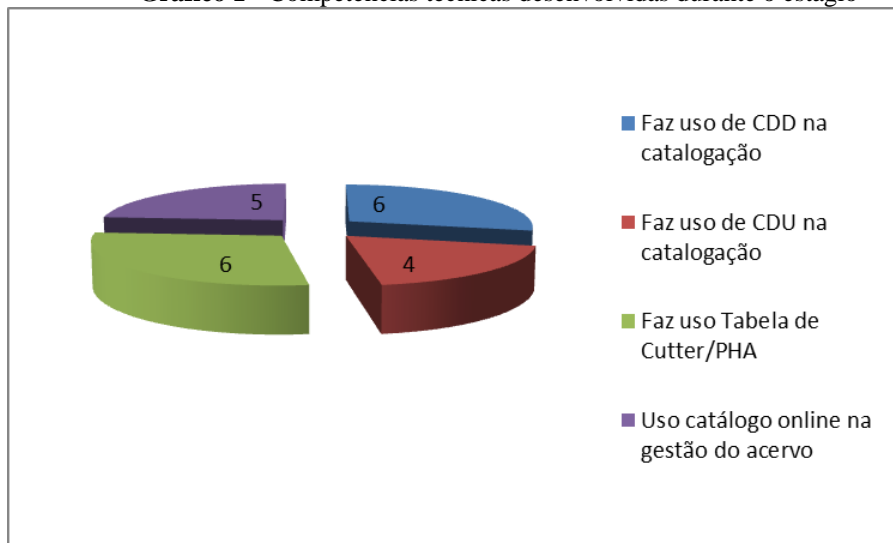
[...] tudo o que o profissional precisa saber para desempenhar sua função, por exemplo, idiomas, sistemas de computação, ferramentas [...] Comportamentais é tudo que o profissional precisa demonstrar como diferencial competitivo [...] criatividade, flexibilidade, foco em resultados e no cliente, organização, planejamento, liderança e tantas outras (LEME, 2005, p.15).

A competência em informação é outro diferencial para um bibliotecário que se considere competente. Conforme preceitua Farias e Belluzo (2015), a competência em informação é a capacidade de reconhecer a necessidade de informação, saber identificá-la, e localizá-la de forma eficaz, fazendo uso adequado da mesma. Ao ser indagado sobre tal competência **B3** ressaltou que desde o estágio busca desenvolvê-la, tendo em vista que já durante o estágio remunerado realizado em uma instituição privada, assumia responsabilidades que requeriam uso desta competência, e que atualmente:

[...] das atividades que eu tenho feito, a coleta de dados, de informação, de saber onde a informação está ... as minhas necessidades, elas são muito importantes. Porque, por exemplo: quando eu fiz a Semana da Biblioteca, eu sabia as minhas necessidades de informação. [...] E eu tinha que saber quem eram os professores, quais eram as turmas que estavam naqueles horários, tinha que saber quem permitia e quem deixava de permitir que a semana acontecesse. (**B3**).

Em uma análise pouco criteriosa podemos equivocadamente mensurar o nível de “competência em informação” de uma pessoa proporcional a sua habilidade no uso de tecnologia avançadas, como instrumentos de pesquisa e recuperação de dados. Contudo **B3**, desmistifica essa ideia mostrando que, não são as ferramentas que definem um nível de competência. Independente do suporte, apenas ao reconhecer a fonte da informação, seja ela, tecnológica ou humana e ao utilizar de forma coerente e eficaz tal possibilidade, é que podemos identificar a existência ou a falta de tal competência.

Como descrito nos procedimentos metodológicos (p.45) o questionário complementar foi o principal instrumento identificador das competências desenvolvidas durante o estágio. O gráfico abaixo apresenta as competências técnicas desenvolvidas sob a mediação bibliotecária.

Gráfico 1 - Competências técnicas desenvolvidas durante o estágio

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Entendemos que o fato dessas serem as principais contribuições no desenvolvimento do discente justifica-se não pelo “tecnicismo exacerbado” do bibliotecário (Targino, 2006), mas por se tratar de uma característica própria da atividade, como questionou **B6**: “O que o bibliotecário faz? Na minha cabeça, a gente é um gestor de informação, a gente é um administrador, a gente organiza, para disponibilizar. Então a técnica faz parte dessa organização [...]” (**B6**).

Questionamos aos entrevistados sobre o uso das competências técnicas na atual função que eles desempenham, e como as mesmas foram desenvolvidas, se durante o estágio sob a orientação do bibliotecário, sozinhos de forma autodidata, ou com a ajuda de outras profissionais. As respostas indicam que dos oito entrevistados, seis (75%) desenvolveram suas habilidades técnicas ao serem mediados pelo bibliotecário. No entanto, somando os que ressaltam o uso da Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU), podemos afirmar ser a catalogação, a atividade técnica que tem a maior participação do orientador técnico, destacada como uma questão básica nas atividades desenvolvidas, mas nem por isso menos valiosa, conforme conferimos no depoimento de **B3**:

O profissional do bibliotecário foi fundamental na minha formação. Se hoje eu sei catalogar, tenho segurança de catalogar, que não é uma tarefa fácil não é? A gente não pode se prender só a técnica, mas a gente tem que ter um bom entendimento, a gente tem que se envolver com ações culturais, a gente tem que estar envolvido com tudo, mas a técnica, não pode dispensar, até porque é um dos nossos diferenciais. (**B3**)

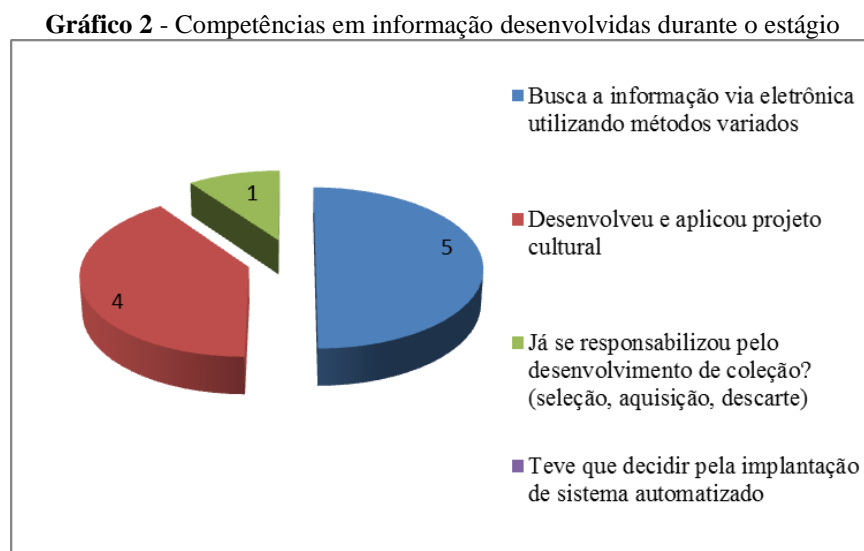
Além de destacar a catalogação com a principal atividade desenvolvida, os entrevistados ressaltam o uso de sistema para tal atividade, já que, nas aulas teóricas não é

utilizado de forma consistente atividades práticas de catalogação informatizada. Como podemos perceber no desabafo de **B7**:

Porque na minha época, o déficit era muito grande, porque assim a classificação, a catalogação era (sic) tudo muito manual, tudo no caderno, então a gente não tinha a interação com o sistema, com a automatização entendeu? Não tinha interação com os campos do MARC. O que são os campos do MARC, né?(sic). Você aprende? Quem ensina isso? Então assim, foi onde eu aprendi: a entrada principal, o autor, o autor secundário, o título, a designação de título, notas, notas bibliográficas. E foi onde eu realmente aprendi... Foi aí que eu pude entender direitinho. (**B7**)

O uso de sistemas eletrônicos está muito atrelado à competência em informação. Percebemos um alinhamento entre o discurso de quem já se encontra no mercado e os discentes atuais, que ressaltam essa lacuna no curso, salientando o fato de que a teoria não supre uma efetiva aprendizagem, já que, as minúcias da atividade se tornam difíceis de concretizar no mundo das ideias, causando uma insegurança no estágio, e dificultando uma prática mais eficaz.

O gráfico 2 apresenta algumas das competências desenvolvidas durante o estágio no que tange as competências em informação:



Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

O gráfico aponta o uso de ferramentas tecnológica na pesquisa, como principal competência em informação (62,5% dos entrevistados), desenvolvida durante o estágio. Em detrimento do desenvolvimento e aplicação de projeto cultural, por exemplo, onde as fontes certas exigem maturidade e perspicácia para identifica-las.

Várias inferências podem ser extraídas desses dados. Primeiramente: a competência em informação conceituada por Farias e Belluzo (2015) como a habilidade de saber o que

precisa e onde buscar, não foi ainda amplamente compreendida em toda sua dimensão. Ou seja, **B3** deixou claro sua compreensão, quanto, a saber e buscar as fontes (pessoas) certas para que seu projeto “Semana da Biblioteca” alcançasse o público máximo, no entanto, a maioria, ressalta o uso de sistemas como exemplo de competência em informação.

Outra reflexão é quanto ao distanciamento entre as teorias ministradas entre o quinto e sexto semestres do curso como: Fontes especializadas de informação, Recuperação da informação, dentre outras diretamente relacionadas ao desenvolvimento desta competência, e a prática de estágio somente no último semestre, causando certa dificuldade no discente de concatenar teoria à prática. **B8** ressalta a importância dessa formação simultânea, atribuindo: “[...] O diferencial do meu bom desempenho eu atribuo a minha formação que foi muito bem feita, em virtude disso, de desde o início eu tive a oportunidade de exercer a prática e agregar a teoria [...]” (**B8**). Na impossibilidade desse desenvolvimento conjunto entre disciplina e estágio, alguns dos participantes questionam a falta de aulas práticas, ou seja, da efetivação de aulas práticas utilizando sistemas informatizados que só foram manuseados ao chegar ao estágio.

Saber onde e como buscar informação é um fator essencial na atividade de **B5**, tendo em vista sua atividade atual com revista eletrônica, uma experiência construída de forma autodidata, juntamente com outros profissionais:

[...] Acho que a gente não é obrigado a saber de tudo, mas acho que é importante a gente saber onde e quem pode apoiar a gente nisso. Quais as pessoas que vão poder nos orientar? Nos ajudar? Quais são os sites? Quais são os locais que eu vou poder encontrar isso? Isso também é papel do bibliotecário, né. A gente tem esse conhecimento: buscar a informação [...]. (**B5**)

Ela ressalta que apesar de longa experiência na atividade bibliotecária, atuar com periódicos eletrônicos continua sendo um grande desafio, superado com o trabalho em equipe e a educação continuada permanentemente em busca de especialização na área.

Podemos ratificar através dos discursos, o quanto a competência em informação é um processo contínuo e paulatino de aprendizagem, e o profissional precisa ter em mente que tal competência nunca se completa, sendo necessária uma busca permanente pelo desenvolvimento cognitivo.

Uma lacuna suprida muitas vezes de forma autodidata com o apoio da internet, mas nunca de forma isolada, as redes de relacionamento formadas durante o estágio podem contribuir indicando caminhos, sanando dúvidas ou construindo junto novos conhecimentos, diante da enxurrada tecnológica e informacional que vislumbramos a cada dia.

Os entrevistados ainda ressaltaram que a proatividade é um “diferencial competitivo” e faz parte da competência comportamental. Ser proativo é traduzido pelos participantes como a atitude de não esperar que as soluções surjam, mas antecipar-se ao problema, propondo soluções viáveis. Nessa perspectiva **B6** ressalta que:

[...] Proatividade, isso aí é imprescindível. Interesse de querer estar sempre aprendendo. Tem que se valorizar, procurar tá aprendendo sempre, se reciclando, tá (sic) antenado com o que esta acontecendo. Então a gente aprende a técnica, mas também aprende para a vida. Para falar bem em público, a desinibição, para ter coragem de se meter em projetos. Se hoje, eu consigo falar em público, com toda a tranquilidade, eu aprendi lá! Eu não aprendi só a técnica, eu aprendi, como a gente tinha curso de excelência em atendimento, então assim: era uma formação completa. (**B6**).

Nessa perspectiva **B1**, ressaltou sua preocupação, com o fato de ter se tornado recorrente o fato de receber estagiários com pouca maturidade para o mercado, muitas vezes sem compromisso com a instituição e sem noção da relevância de uma postura adequada ao ambiente organizacional que o mercado exige. Fato que pode prejudicar não somente o estagiário, mas também dificultar o acesso de futuros candidatos à instituição. Tal fato pode ser gerado, pela entrada cada vez mais jovem à universidade, ou, provavelmente, resquícios de um longo processo de educação bancária (FREIRE, 1987) não ressignificada com a recente proposta de protagonismo discente vivenciada na academia.

Nossa terceira categoria trata da “**influência do bibliotecário no desenvolvimento de competências**” objetivou identificar o entendimento dos entrevistados quanto ao papel exercido pelo bibliotecário nessa fase considerada por alguns como “crucial”, e, por vezes, só valorizada pelos estagiários quando já estão no mercado de trabalho, como descreveu **B7**:

O estágio supervisionado é de suma importância para o desenvolvimento de competências que serão necessárias quando estivermos atuando no mercado. Hoje, como bibliotecária de uma biblioteca especializada eu percebo **como eu aprendi** [ressalta] com as bibliotecárias que me supervisionaram. (**B7**) (grifo nosso).

Nessa perspectiva vimos que a experiência de **B7**, corrobora com o que Buriolla (2011, p. 13) pressupõe sobre o papel do estágio na formação do discente como “[...] o *locus* onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica [...]”, e que podemos acrescentar se estenderá no seu perfil profissional no decorrer da carreira.

Como alerta Targino (2006), sabemos que ainda há profissionais atrelados às técnicas e a tecnológicas, olvidando a responsabilidade social perante o fator humano, muitas vezes em virtude das múltiplas atribuições lhes conferidas de forma exacerbada, outras por

ausência de senso crítico. Contudo, já podemos comprovar uma geração com uma nova perspectiva de ação:

No começo eu penei, sofri muito, assim, pela dificuldade, pelo desafio que era imenso [ressalta], hoje eu posso dizer assim, com a prática que a biblioteca escolar, talvez seja a mais abrangente... Porque você lida com professores, você lida com outros gestores, você lida com os alunos, tem que aprender a fazer projetos, você participa de eventos, então, assim é muito rica, eu me sinto privilegiada, é um desafio grande. (B4).

Para atender a tantas exigências da prática profissional, uma efetiva mediação pedagógica proporcionada pela participação do bibliotecário orientador na formação do discente de Biblioteconomia durante o estágio supervisionado, pode ser um diferencial amenizando os obstáculos futuros, através não somente do desenvolvimento de habilidades técnicas inerentes à profissão, mas dando uma segurança na tomada de decisão como nos relatou **B5**:

[...] Você cai no mercado um pouco insegura, mesmo que você tenha tido essas experiências, e se você não tiver tido essas experiências, piora consideravelmente né... Mas, aí, quando você vai pro(sic) mercado tendo passado por experiências profissionais principalmente pelo estágio supervisionado, te dar uma segurança maior. Eu sei fazer, eu pratiquei, então eu sei fazer sozinha... Eu acho que é um conjunto, né... Não é só o orientador, não é só o bibliotecário, você também tem que ter esse papel também de fazer de buscar, praticar [...]. (B5)

Sabemos da relevância desse período tanto, pelo referencial teórico que nos apropriamos para fundamentar o estudo, quanto pelos discursos dos entrevistados, contudo, nesta fase focamos no profissional enquanto mediador de experiências, exemplos e ações que transcendem a fase de graduação e refletem no perfil do futuro profissional.

A primeira coisa que aprendi [...] foi como lidar com as pessoas. A percepção de que a gente deve atender a cada pessoa de forma justa, e reconhecer as diferenças de cada um. Modo de tratar cada um, o modo de falar com cada um. Questão da ética também [...]. O compromisso com a área, com o trabalho. (B1)

Buscando afinidade entre o relato das experiências vivenciadas no estágio, e sua atuação na gestão de pessoas, consideramos que a mediação bibliotecária relatada, surtiu um efeito positivo sobre o perfil da entrevistada, gerando um alinhamento entre teoria e prática gerencial de **B1**:

[...] minha concepção de gestão, de uma boa gestão é muito particular! Pode ser que o meu tipo de gestão seja bom para uma equipe, pode ser que para outro grupo de pessoas, ele não seja funcional. Porque pessoas são muito variáveis, muito mutáveis... É preciso ter certo grau de maturidade pra (sic) compreender que cada pessoa tem um tempo de aprendizagem diferente do seu, e ter essa paciência de esperar que ela der o retorno, que você enquanto gestor está esperando naquele tempo devido [...]. (B1).

Nosso entendimento quanto à harmonia entre o discurso e a prática de **B1**, foi sedimentada não somente no discurso da entrevistada, mas na observação do ambiente de trabalho, sua interação com os colaboradores e visitantes. Nessa mesma linha de raciocínio, ao compararmos as experiências de estágio de **B5**, ao seu ponto de vista, quanto ao desenvolvimento de competências, percebemos o quanto as experiências foram divergentes, ou seja, enquanto **B1** teve uma participação efetiva de mediação durante o estágio, **B5** vivenciou outros ambientes, outros perfis profissionais durante essa fase de aprendizagem, o que contribuiu para uma formação autodidata em muitas questões ressaltadas durante a entrevista.

Outras percepções que corroboram nosso entendimento quanto à relevância do mediador durante o estágio de **B5**, foi o fato de esta ser a única entrevistada, que não destacou o nome de um orientador técnico nesse período, e no relato das experiências há uma ressaltada colocação do “eu” como responsável pelo desenvolvimento de competências:

Quando eu cheguei aqui me disseram... Você vai reativar a revista. Só que eu não tinha conhecimento de periódicos, não conhecia nada de revista, não tinha ninguém para me ensinar [...]. Nada. Então eu fui buscar. Fui fazer curso pelo internet, sobre periódico científico, sobre processo de submissão, sobre a plataforma do IBCIT. Eu fui buscar bibliotecários que trabalhavam com essa ferramenta e com periódicos né? (sic). Fui atrás desses profissionais para me ajudar, me orientar. E aí eu fui fazendo [...]. (**B5**).

Ou seja, a autonomia foi necessária nessa oportunidade de trabalho, considerando que não havia uma equipe de colaboradores, contudo, entendemos que muito dessa postura diante dos obstáculos foi se formando a partir de lacunas experimentadas no período de estágio quando ela ressalta: “[...] Se eles não davam mais, é porque eles tinham uma limitação, eles podiam ir até certo ponto. E aí, eu acho que cabe ao estudante ir buscar! E era isso que eu fazia! [...]” (**B5**).

Isso nos remeteu aos estudos de psicologia de Ranganathan quanto à psicologia do intelecto para entender o comportamento do outro, a psicologia do interesse almejando detectar seus objetivos e a psicologia do indivíduo atentando para os complexos intrínsecos a todos nós, ora de inferioridade, ora de superioridade e outras vezes de traumas no decorrer de nossas experiências.

Diante dessas percepções ratificamos a relevância da participação do bibliotecário na formação do estudante de Biblioteconomia e entendemos que nessa relação há uma mediação na perspectiva de Almeida Júnior (2009) quanto a uma interferência por vezes racional, outras involuntárias, podendo não ser decisivo no perfil do futuro profissional, haja vista, a individualidade de cada ser. Entretanto, não podemos desconsiderar o quanto essa

participação tem sido significativa para os que podem desfrutá-la, sendo um diferencial que se estende para além do processo de graduação, fortalecendo as relações profissionais e a confiança nas próprias competências.

Todos os entrevistados que tiveram participação efetiva do bibliotecário como orientador técnico, foram veementes em ressaltar a contribuição deste para sua formação profissional, desenvolvendo competências em informação adquirindo segurança na busca, recuperação e uso da informação - competências técnicas que as aulas teóricas introduzem e a prática consolida -, e, principalmente, as competências comportamentais que abarcam desde o respeito à cultura organizacional até a desenvoltura no trato com o público, e que agregam questões que se estendem por todos os âmbitos e fases da vida dos entrevistados.

Toda profissão abrange uma variedade de competências. Algumas fáceis de identificar e mensurar, outras descobrimos no decorrer das atividades, outras ainda, variam de acordo com o contexto organizacional, ou seja, não há fórmula definida quanto ao que apresentar no momento de uma entrevista, mas há alguns pré-requisitos que podemos identificar como fundamentais para concorrer a uma vaga. Esse foi o pressuposto para a definição da categoria “d” **as competências exigidas pelo mercado de trabalho.**

Buscamos assim desvendar a partir da experiência dos bibliotecários “nativos” dessa realidade, indicações de questões imprescindíveis no contexto do mercado atual, considerando partir dos entrevistados, conhecedores da realidade presente, o referencial mais adequado das exigências mercadológicas.

As competências técnicas atinentes à profissão fazem parte das atividades bibliotecárias em qualquer ambiente, portanto, fica subentendido que não há o que ponderar quanto à capacidade de desenvolvê-las. A classificação, catalogação, indexação, o processamento técnico como um todo compõem o *métier* básico da profissão, variando os métodos, mas não o objetivo de organizar o acervo com o intuito de proporcionar ao usuário uma recuperação com rapidez e eficiência.

As outras competências que o mercado de trabalho exige são próprias das necessidades sociais que a hodiernidade exige. Segundo os entrevistados as mais relevantes são: gestão de pessoas, proatividade e uso de tecnologias. Ouvimos constantemente dos profissionais que partilham conosco suas experiências e aportes teóricos, o quanto a gestão documental de maneira informatizada tem se tornado um requisito básico para adentrar ao mercado de trabalho, já que o uso de sistemas em unidades de informação é uma realidade. Como ressaltou **B1**, “[...] a capacidade técnica de executar o gerenciamento eletrônico do acervo, é tão importante quanto à gestão de pessoas [...]”.

Mesmo em ambientes informacionais que ainda não fazem uso de sistemas de informatizados, devemos considerar que é uma questão de tempo e profissional adequado, para que todas as unidades de informação passem a utiliza-los na gestão informacional, pois há diversos sistemas abertos e gratuitos. Muitos entrevistados destacaram que as tecnologias de informação não podem ser vistas como uma ameaça ao profissional, mas como uma ferramenta que agrega valor e facilidades em qualquer atividade laboral, o que fortalece a necessidade de uma efetiva capacitação para o uso dessas ferramentas.

Apesar do projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia conter a unidade curricular “Tecnologias da Informação”, há uma lacuna nas disciplinas de processamento técnico quanto à realização de atividades práticas com sistemas de gestão eletrônica, principalmente no Sistema Pergamum utilizado pelo sistema de bibliotecas da UFC. Diante disso, as considerações de **B7** referente a tais atividades é que durante sua formação:

[...] o déficit era muito grande, porque a classificação a catalogação era tudo muito manual, tudo no caderno, então a gente não tinha a interação com o sistema, com a automatização entendeu, não tinha interação com os campos do MARC. O que são os campos do MARC, né?. Você aprende, quem ensina isso? Não foi a minha professora. Não estou tirando o mérito não. Ela disse lá, mas é uma questão de decorar. Lá [no estágio], a gente tinha o livro novo, que chegou na biblioteca e que precisava ser incluído no Pergamum e que tinha lá todos os campos da CDD que eu tinha que colocar, principalmente no Pergamum que é muito completo [...] (**B7**).

O estágio remunerado ou supervisionado preenche essa lacuna da falta de familiaridade com os sistemas informatizados em sala de aula, já que atua nesse processo entre academia e mercado. Um momento de conhecer, manusear e tirar dúvidas na aplicação das teorias de classificação, indexação, ou seja, a catalogação visando à localização e recuperação da informação de maneira eficaz. Para tanto, a experiência do bibliotecário como mediador de experiências práticas é colocado por **B7** ao relatar a experiência como estagiária e depois como orientadora técnica:

É diferente a atuação no campo [...] está em sala de aula, explicando o que é um estudo de usuário, e eu lá dentro da biblioteca aprender com o bibliotecário aprender como é que se dá um estudo de usuário. Como é eu vou fazer o estudo de usuário. Então, eu enquanto estudante, nós temos que aprender a valorizar [...]. Eu tive essa experiência já como bibliotecário, eu tive as duas coisas: tive estagiários que eram responsáveis, que valorizavam seu momento de estágio voluntário e tive aquele que por qualquer prova, trabalho e apresentação, coisas faltavam sem uma justificativa plausível, entende? Então eu vejo como eles tiveram um déficit na aprendizagem. Os que tiveram aqui comigo sempre. Por exemplo: eu tive dois que disseram: Ah, eu aprendi a catalogar aqui. Isso aconteceu comigo e eu pude repassar como mediadora [...] (**B7**).

A mediação bibliotecária fica clara no desenvolvimento dessa competência relevante para ingressar no mercado, no caso o uso das tecnologias, isso atrelado à proatividade discente em construir uma relação dialógica com o seu orientador técnico.

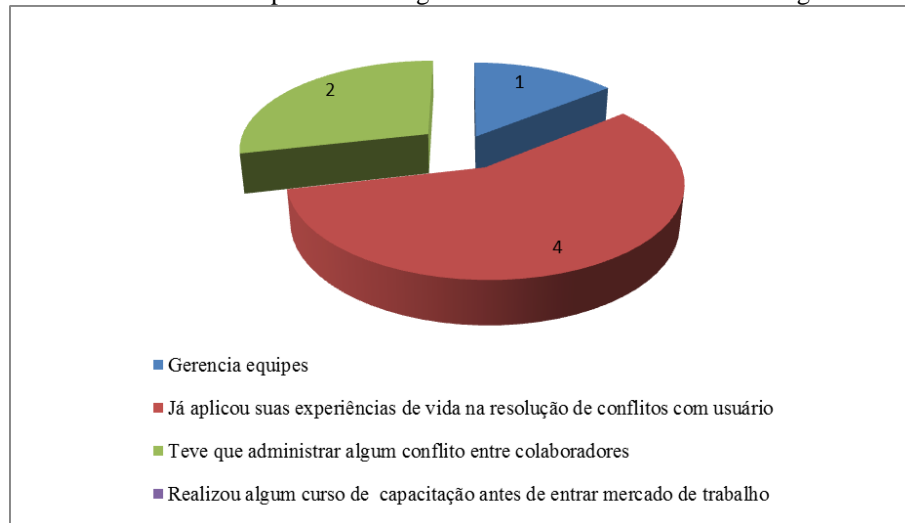
Outra competência destacada pelos entrevistados, primordial para adentrar ao mercado, a gestão de pessoas, é fator de preocupação do projeto pedagógico, das atividades em sala, dos temores dos discentes e uma realidade nos ambientes informacionais, que não pode ser trabalhada no ambiente organizacional onde se realiza o estágio, por se tratar de uma atividade complexa que não cabe a um colaborador provisório e em formação (estagiário).

A gestão de pessoas dentro da unidade informacional é uma atribuição do gestor, resta ao discente à observação, como método de aprendizagem. Presenciar as tomadas de decisões bibliotecárias durante o estágio pode servir de norte para as futuras atividades do discente, como relatou **B1** que declarou ter aprendido com sua orientadora durante o estágio: “[...] a ter maturidade para lidar com a equipe, para envolvê-los com um trabalho cooperativo, ao invés de você desenvolver uma gestão imperativa, fazer com que a equipe trabalhe junto com você [...]”. Uma experiência que **B1** aplica no bom desenvolvimento das ações atuais e que destaca como resultante de um bom trabalho em equipe.

Até aqueles que não exercem chefia diretamente em seus ambientes de trabalho, como **B6** ressalta, há a necessidade de desenvolver tal competência, entendendo que a gestão de pessoas ocorre indiretamente nas relações com os colegas de trabalho, com os usuários. Ou seja, na forma de manifestar suas ideias, de gerar conflitos tão naturais de ambientes onde a diversidade de ideias e interesses precisa ser conduzida de forma equilibrada visando à harmonia e o bom andamento das atividades no ambiente organizacional:

[...] nem que a gente não queira o bibliotecário é um gestor também de pessoas. Muitas vezes, ele vai trabalhar numa biblioteca onde é só ele; só tem ele, então ele é o gestor. Às vezes diz: Não, mas eu não sou coordenador! Mas, nem que você não queira, mas você é! Quando acontece alguma coisa, algum problema é o bibliotecário que o diretor ou, quem for o superior na empresa, vai recorrer. Então nem que você não queira, você é gestor sim! (**B6**)

A gestão é uma atividade que requer conhecimento e maturidade e, mesmo que haja interesse do bibliotecário em inserir o estagiário nesse processo, a hierarquia organizacional não permitirá um desenvolvimento mais concreto dessa experiência, a não ser no caso de estágio remunerado, quando o vínculo com a instituição é mais prolongado e o discente é considerado um colaborador efetivo. Esses fatos podem justificar os números apresentados no Gráfico 3 que mostra as “competências em gestão desenvolvidas durante o estágio”.

Gráfico 3 - Competências em gestão desenvolvidas durante o estágio.

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

Diante da dificuldade de ação concreta, o discente pode se utilizar da observação do perfil do seu gestor para formar o seu próprio modo de gerenciar pessoas. Foi o que percebemos no depoimento de vários entrevistados, que se espelham em seus predecessores para desenvolverem uma gestão colaborativa e democrática.

Dessa forma, podemos considerar que apesar da importância da competência em gestão de pessoas para atender as demandas de mercado, o futuro profissional necessitará buscar uma formação continuada para um aprofundamento na área em questão. Para além da formação intelectual, o essencial é a capacidade de conviver de forma equilibrada com a diversidade de pensamentos, comportamentos e culturas, buscando o equilíbrio e a boa convivência no ambiente organizacional através da prática efetiva do respeito, da tolerância e da alteridade para com o outro. Além disso, a proatividade foi citada como requisito vital para o mercado de trabalho. Farias (2016), entende que para desenvolver tal competência é necessário um trabalho conjunto entre academia e o indivíduo em formação baseado na “[...] na conscientização, na ação e em metodologias que prezem por autonomia e criatividade, por mudanças nas estruturas mentais dos sujeitos por meio do diálogo [...]. (FARIAS, 2016, p, 118).

Nesta perspectiva, compreendemos que ser protagonista na universidade, no ambiente de estágio tornou-se uma condição fundamental para o discente e fator intrínseco para o seu desenvolvimento, ao buscar antecipar-se, vislumbrando soluções para as dificuldades diárias. Todavia, como citado anteriormente percebemos desde o início da formação um chamamento do discente por parte dos professores para o despertar dessa

competência, assumindo um papel ativo no processo de aprendizagem, mas que frequentemente tem sido protelado, ou temido.

Durante as entrevistas buscamos constantemente ter em mente os conceitos de Bardin (1977) almejando inferir conexões entre discurso e ação dos entrevistados, e na questão da proatividade não foi diferente. Buscamos durante as conversas não fugir do roteiro de entrevista, mas aprofundar as descobertas e assim captar nas falas atitudes práticas de proatividade.

Constatamos então que a proatividade pode ter uma inerente do indivíduo, como ser extrovertido, ou tímido, mas precisa ser trabalhada, amadurecida nas relações com os outros, porque não se trata de impulsos intempestivos, mas de percepções sobre um determinado ponto crítico e antever uma solução. Entretanto, as soluções precisam ser construídas em conjunto, compartilhadas, remodeladas de acordo com as condições de concretização.

Apresentar uma ideia de melhoria no ambiente de trabalho é uma característica de alguém que buscar antecipar-se aos problemas, desenvolvendo um olhar mais amplo sobre o tempo e espaço de ação, não aguardando passivamente por uma crise para ser proativo. **B4** exemplificou uma ação realizada em conjunto com seus colaboradores que ratifica esse entendimento. A catalogação realizada em qualquer biblioteca infantil dentro dos padrões de classificação da CDD em literatura infanto-juvenil será catalogada sob o código 028.5; os seja, esta em conformidade com os padrões de organização, podendo ser considerada adequada, contudo, **B4** e sua equipe ampliaram suas percepções sobre ter o usuário como a razão de ser de qualquer ambiente informacional, não colocando a comodidade da gestão do acervo, acima da facilidade de acesso por parte do usuário.

Dessa forma, ratificando as ideias de Figueiredo (1992), Grogan (1995) e Targino (2006), quanto a ter o usuário como foco principal de uma unidade informacional, **B4** e seus colaboradores aplicaram a proatividade no desenvolvimento de uma catalogação adequada ao nível intelectual dos usuários atendidos na biblioteca escolar:

[...] se você fosse organizar o acervo todo no 028.5, como é que você ia saber o que era para cada aluno... Pelos níveis de leitura? O que é para o infantil? O que é para primeira série? O que é para quarta e quinta? Então, aqui a gente criou uma coisa a mais que o 028.5. A gente criou sub-assuntos, então, e níveis de leitura. A gente tem três níveis de leitura, que é o leitor iniciante que é o **LI**; infantil e primeiro ano, o **LP**- leitor em processo e **LC**- leitor crítico [...]. (**B4**)

Antecipar-se aos problemas, ou vislumbrar estratégias de potencializar um serviço são ações efetivas de proatividade que podem fazer o diferencial na formação profissional desde o período acadêmico, e se assumidos pelo discente como propósitos de desenvolvimento

pessoal certamente ao chegar ao mercado estarão mais fortalecidos para atender as exigências de mercado. **B6** considera-se proativa no seu ambiente de trabalho quando “[...] traz o problema e já vem com uma proposta de solução [...]” (**B6**).

Durante a entrevista ela nos apresentou uma ação concreta a partir da percepção das dificuldades que a rodeia e das possibilidades de solução, apresentando um projeto em andamento sobre a ampliação do espaço da biblioteca. Segundo **B6** a ideia do projeto foi dela, mas desenvolvida com a contribuição de outros profissionais, e ressaltou: “[...] não tô (sic) pedindo algo para o meu bel prazer, eu tô (sic) pedindo algo que vai ficar; eu posso me aposentar e o legado vai ficar para as gerações futuras [...]” (**B6**).

Outra entrevistada que considera a proatividade vital, não somente para entrar no mercado, mas principalmente para se mostrar como fator de melhoria contínua na instituição é **B7**, que ressalta a necessidade de:

[...] estar aberto, as novas possibilidades [...] Por exemplo: eu tenho que demonstrar isso, no meu dia a dia, Eu tenho que ser aquele bibliotecário que trabalha para fora da biblioteca e parece um discurso teórico, mas é verdade, nisso a teoria condiz com a prática que ver nossas possibilidades. [...] Dentro de uma instituição se a gente não for se adequar como estamos fazendo aqui agora, a elaboração de projetos, de atender meu diretor quando ele me pede prá (sic) trabalhar na instituição também... Eu vou passar... Eu vou ser vista com a profissional que não faz nada [...]. (**B7**)

A colocação de **B7** condiz com a versatilidade necessária para se adaptar a única garantia da sociedade atual: a mudança constante. A mudança é uma característica inerente do ser humano, apesar de muitas vezes nos fecharmos para esta realidade é a mudança que impulsiona o ser humano a buscar o aperfeiçoamento seja através de formação continuada, ou de forma autodidata adaptar-se às mudanças é uma questão de sobrevivência. A proatividade é antecipar-se às mudanças, é mostrar-se como sujeito ativo e apto a mudar/adaptar-se. Antevendo lacunas a serem supridas e propondo soluções viáveis dentro do ambiente organizacional.

Entendemos que, a partir dos depoimentos coletados, a participação do bibliotecário como orientador técnico representa uma chave de acesso ao mercado, sendo um mediador ativo dessa passagem academia-mercado, e como tal deve ser valorizado, chamado ao diálogo para que essa parceria possibilite a formação de profissionais mais críticos, responsáveis por uma atuação mais dinâmica. Para isso, a rede de relações que se forma nos estágios deve ser considerada como a célula geradora de relações profissionais que podem contribuir com o desenvolvimento ou aprimoramento das competências de quem já está no mercado e de quem ainda vai chegar, através da contínua troca de experiências.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação em conhecer as perspectivas do bibliotecário, desvendar os vínculos entre academia e ambiente profissional foi o cerne desta pesquisa, e o estágio supervisionado obrigatório considerado o fio condutor mais adequado entre esses dois universos. Nossa questão inicial buscou identificar a importância do estágio supervisionado obrigatório para o desenvolvimento de competências exigidas pelo mercado, mas as contribuições dos entrevistados deram grande ênfase ao estágio remunerado, em virtude deste período que pode ser estendido por até dois anos permite ao estagiário uma imersão na cultura organizacional de forma mais profunda e duradoura, o que possibilita em alguns casos uma contratação imediata após a formação.

Para fundamentarmos a pesquisa nos moldes da ciência, buscamos alicerces teóricos da Biblioteconomia, mas principalmente sobre mediação e competências necessárias ao bibliotecário, além do estágio supervisionado. Tudo isso com o intuito de atender os objetivos propostos de identificar a ação mediadora do bibliotecário na formação do discente de Biblioteconomia.

Assim, para atender ao objetivo de identificar o papel do orientador técnico no desenvolvimento de competências dos estagiários, detectamos que a mediação do bibliotecário - enquanto orientador técnico no desenvolvimento de competências do discente durante o estágio - é considerada pela maioria dos entrevistados, como o principal fator de desenvolvimento das competências técnicas e de informação. Em relação às competências comportamentais e de gestão, a proatividade do estagiário tem um significativo destaque, o que corrobora com os pressupostos teóricos que identificam o ato de mediar como uma ação dialógica e dialética, ou seja, construída através do diálogo e da troca de experiências entre os sujeitos sociais.

Outra benesse dessa vivência é que a rotina nas instituições conveniadas permite uma vivência mais concreta com os profissionais e com a cultura organizacional, contribuindo para o desenvolvimento de redes de contato, as quais colaboram para que o discente mostre seu potencial e em muitos casos, seja contratado logo após a formação. Diante das falas de quem vivenciou a academia e atualmente exerce a profissão, obtivemos a certeza que a contribuição bibliotecária na formação discente promove não somente a capacitação para as atividades técnicas essenciais profissão, mas também na formação de uma rede de contatos profissionais que possibilitam uma mediação continuada na troca de experiências.

Para delimitarmos o objetivo de identificar as principais competências exigidas atualmente, buscamos consolidar em um dos instrumentos de pesquisa as competências mais citadas pelos teóricos da área e através dos dados coletados, identificamos uma relação direta entre as exigências de mercado e as teorias compartilhadas pelos docentes. Assim, sem desconsiderarmos as peculiaridades de cada ambiente organizacional, as três competências mais visadas são: competência em gestão de pessoas, no uso de sistema informatizado na gestão do acervo e a proatividade. Esta última tem sido fator de destaque não somente para o mercado, mas desde a entrada na academia, instigando o discente a mudar sua posição de sujeito passivo na absorção do conhecimento repassado, para protagonista da própria formação, percebendo-se como coautor em qualquer processo de ensino aprendizagem, e esse chamamento se fortalece como uma necessidade essencial, para a construção de um perfil profissional que atenda as expectativas da sociedade. Tudo isso arquitetado sob os avanços tecnológicos que virtualizam atividades anteriormente realizadas de forma manual, e que atualmente precisam se adequar aos sistemas eletrônicos de gestão.

A gestão de pessoas é uma competência não obrigatoriamente exclusiva daquele que assume o papel de gestor na unidade informacional, mas essencial nas relações com a diversidade humana. A maturidade da tolerância e do respeito às diferenças tem se tornado uma questão vital em todos os âmbitos da sociedade e no contexto organizacional torna-se um diferencial competitivo. A proximidade dos discursos ratifica a necessidade de aproximar a academia do mercado através de ações que valorizem o potencial educador do bibliotecário, exercendo a mediação pedagógica, despertando no discente uma participação mais comprometida com a própria formação desde o início do curso, considerando que essa construção não pode aguardar a chegada ao mercado para percebê-la como fundamental.

Adentrar ao mercado é o ponto final da viagem acadêmica rumo à primeira formação. Um período de quatro anos, muitas histórias compartilhadas, conhecimentos construídos, relatos de experiência e ansiedade; todavia, sabemos que mesmo que haja desvios, atrasos, obstáculos, a estrada da formação já está definida no tempo e no espaço. Há anseios, mas também a certeza que teremos o apoio de companheiros de viagem, dos docentes no papel de condutores dessa viagem cheia de descobertas e construções. Chegar à oitava estação (final do curso) é sinal que teremos obrigatoriamente que desembarcar mudar de rumo, o rumo do mercado, para o qual a mediação bibliotecária pode ser o bilhete de viagem.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewFile/17/39>. Acesso em: 12 set. 2016.
- ALVES, Marília Amaral Mendes. Estágio: utopia ou realidade? Relato de experiência da coordenação de estágio da escola de biblioteconomia da UNIRIO. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.18, n.1, p. 829-845, jan./jun., 2013. Disponível em: Acesso em: 20 jun. 2016.
- ARAÚJO. Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da biblioteconomia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v.9, n.1, p.41-58, jan./dez. 2013.
- ARAÚJO, Marianna Farias; FARIAS, Gabriela Belmont. Realização de estágio obrigatório curricular na biblioteca setorial da faculdade de economia, administração, atuárias, contábeis e secretariado. In: ENCONTRO REGIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2012, Região Sul - Florianópolis. **Relatórios...** Florianópolis Disponível em: <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Relatorio%20erebd%20sul.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Gestão baseada nas competências. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 12., 2004, Recife, **Anais eletrônicos...** Recife: UFP, 2004.p. 3. Disponível em: Acesso em: 20 jun. 2016.
- _____. Gestão baseada nas competências. **Biblionline**. João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 97-107, 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/16901/12484>. Acesso em: 20 out. 2016.
- BARDIN. Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 1977.
- BURIOLOLA, Marta A. Feiten. **O estágio supervisionado**. 7. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Universidade Federal do Ceará. Departamento de Ciências da Informação. PP biblioteconomia_fortaleza.pdf. Disponível em: <<<http://www.ufc.br/ensino/cursos-de-graduacao/187-biblioteconomia-fortaleza>>>

CYSNE, Fátima Portela. **O problema e seu contexto: o social e o educativo da Biblioteconomia**. In: _____. *Biblioteconomia: dimensão social e educativa*. Fortaleza: UFC, 1993, p.19-88.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARIAS, Gabriela Belmont de; BELLUZZO, Regina Célia Baptista . **Como desenvolver competência em informação mediada por modelagem conceitual-teórica: por uma aprendizagem significativa e criativa na educação**. Londrina: ABECIN, 2015.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes. **Análise da produção, implementação e avaliação de um modelo de mediação da informação no contexto de uma comunidade urbana**. 2014. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16851>>. Acesso em: 04 ago. 2016.

_____. Mediação e competência em informação: proposições para a construção de um perfil de bibliotecário protagonista. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 106-125, set. 2015/fev. 2016, p.117.

FARIAS, Maria .Giovanna Guedes; VARELA, Aída Varela; FREIRE, Isa Maria. Construção e acionamento de um modelo de mediação da informação. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.23, n.3, p. 175-188, set./dez. 2013. Disponível em:<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/17315>>. Acesso em: 20.nov.2017.

FIGUEIREDO. Nice Menezes de. A modernidade das cinco leis de Ranganathan. 1992. **CI. Inf., Brasília**, 21(3): 186-191, set./dez. 1992. Disponível em:<<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/430>>. Acesso em: 22.out.2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Arcabouço conceitual do letramento informacional**. *Ci. Inf.*, Brasília, DF, v. 39 n. 3, p.83-92, set./dez., 2010. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1268>>. Acesso em: 10 ago.2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas. 1999.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. _____ **In: DESLANDES, Suely, GOMES, Romeu, MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.79-92.

LEME. Rogério. **Aplicação prática de gestão de pessoas: mapeamento, treinamento, seleção, avaliação, e mensuração de resultados de treinamento**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005, p.3-83.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELLO, Priscilla; VIEIRA, Ronaldo. **O bibliotecário como agente cultural**. São Paulo: AGBOOK, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. _____. In: DESLANDES, Suely, GOMES, Romeu, MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.09-27.

OLIVEIRA, Marlene; CARVALHO, Gabrielle Francinne; SOUZA, Gustavo Tanus. Trajetória da Biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.19, n.3, p. 13-24, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3754/3167>. Acesso em: 11 jul.2016.

RANGANATHAN, S. R. Psicologia e natureza do trabalho dos usuários. In: **A contribuição da psicologia para o estudo dos usuários da informação técnico científica**. Organização e tradução de Hagar Espanha Gomes. Rio de Janeiro, Calunga, 1980. p. 31-42.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho; FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Abordagens conceituais e aplicativas da mediação nos serviços de informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 106-123, oct. 2017. ISSN 2178-2075. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/122628>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. A noção de documento digital: uma abordagem terminológica. **Em questão**, Porto Alegre, v.18, n.1, p.125-140, jan/jun.2012.

TARGINO, M. das G. **Olhares e fragmentos: cotidiano da biblioteconomia e ciência da informação**. Teresina: EDUFPI, 2006.

_____. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas? **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n. 1, p. 155-168, jan./abr. 2010.

_____. Ranganathan continua em cena. **Ci. Inf., Brasília**, DF, v. 39 n. 1, p.122-124, jan./abr., 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v39n1/v39n1a08.pdf>>

VALENTIM, Marta Lígia Pomim; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; ALMEIDA JÚNIOR, Osvaldo Francisco de. **Estudos sobre a formação do profissional da informação no Brasil e no Mercosul**. São Paulo: ABECIN. 2014.p. 213-324.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA DE PROSPECÇÃO

DATA: ____/____/____	HORA:
NOME:	
IDADE:	GÊNERO:
ANO DE CONCLUSÃO CURSO:	
INSTITUIÇÃO TRABALHA ATUALMENTE:	
<input type="checkbox"/> ARQUIVO <input type="checkbox"/> BIBLIOTECA <input type="checkbox"/> OUTRO: Qual? _____	
QUANTO TEMPO?	
CONTATO:	
OBSERVAÇÕES:	
FUNÇÃO QUE EXERCE ATUALMENTE:	

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa intitulada **ESTÁGIO SUPERVISIONADO:** desenvolvimento de competências por meio da mediação bibliotecária conduzida por Maria Josélia de Oliveira, discente do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará, matriculada na disciplina de Monografia II, 8º semestre, sob orientação da Profa. Maria Giovanna Guedes Farias.

Esta pesquisa tem por objetivo coletar informações necessárias para o desenvolvimento do Trabalho de Monografia, a qual tem por objetivo identificar: **qual a contribuição do bibliotecário no papel de orientador técnico, durante o estágio supervisionado, para o desenvolvimento de competências do discente de Biblioteconomia?**

Solicito vossa autorização para gravar em áudio a entrevista, e também para apresentar o resultado da pesquisa em congressos e/o publicação em revistas científicas, garantindo o sigilo da vossa participação.

Caso o(a) senhor(a) concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias. Uma da pesquisadora responsável e outra ficará em posse de vossa senhoria.

RESPONSÁVEIS	NOME	E-MAIL	TELEFONE
DISCENTE	Maria Josélia de Oliveira	j.joselia.oliveira@gmail.com	99691 7477
ORIENTADORA	Maria Giovanna Guedes Farias	mgiovannguedes@gmail.com	3366 7700

Declaro que fui devidamente esclarecido (a) sobre a pesquisa e dou meu consentimento para uso dos resultados de modo confidencial. Ciente que receberei uma cópia deste documento.

Fortaleza, ____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE C – NOTA EXPLICATIVA QUANTO A CONCEITOS BASILARES DA PESQUISA

Caro (a) Bibliotecário (a),

Como forma de auxiliar, no entendimento das concepções teóricas utilizadas no desenvolvimento da pesquisa apresentamos algumas notas explicativas buscando o equilíbrio entre os arcabouço teórico utilizado no trabalho e os instrumentos de coleta de dados aplicados na pesquisa de qualidade, além de dirimir possíveis dúvidas:

Competência: “um agrupamento de conhecimentos, habilidades e atitudes correlacionadas, que afeta parte considerável da atividade de alguém, que se relaciona com seu desempenho, que pode ser medido segundo padrões preestabelecidos, e que pode ser melhorado por meio de treinamento e desenvolvimento (LEME, 2005,17).

Competências Técnicas: “é tudo que o profissional precisa saber para desempenhar bem sua função, por exemplo, idiomas, sistemas de computação, ferramentas, etc. [...] (LEME, 2005, p.15). Ex: Indexação; Classificação; CDD; CDU; Uso de sistema automatizado.

Competências Comportamentais: É tudo que o profissional precisa demonstrar como seu diferencial competitivo e tem impacto em seus resultados, por exemplo, criatividade, flexibilidade, foco em resultados e no cliente, organização, planejamento, liderança [...] (LEME, 2005,15).

Competência em informação: “A capacidade de buscar informações, abstraí-las e transformá-las em novos conhecimentos é aplicada nas atividades profissionais e na vida pessoal. (FARIAS, BELLUZZO, p.49)

Mediação: Paulo Freire afirmar que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p.39).

mediar o conhecimento, com objetivo de promover o desenvolvimento do protagonismo social por meio de competências em informação, requer do mediador autoconhecimento profissional, tendo em mente que todas as ações devem ser realizadas sempre em conjunto, e de forma dialógica com todos os sujeitos envolvidos.(FARIAS, 2016, p.107).

Indicadores: São formas de representação quantificável da qualidade de um produto ou serviço, sendo o instrumento de mensuração da qualidade. É ainda uma informação bem estruturada que avalia componentes importantes de produtos, serviços, métodos ou processos de produção.

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM BIBLIOTECÁRIO

1. Quais as suas percepções quanto ao Estágio Supervisionado (importância/período ideal)?
2. Considera que o bibliotecário como supervisor técnico, durante seu estágio, contribuiu para desenvolvimento de alguma de suas competências técnicas, informacionais e comportamentais? Quais?
3. Quais competências técnicas você aplica nas suas tarefas diárias?
4. Quais competências comportamentais são necessárias nas relações com outros colaboradores?
5. Cite algum exemplo de competência em informação que você já aplicou no seu trabalho.

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM BIBLIOTECÁRIO

DESCRIÇÃO COMPETÊNCIA	FAZ USO		COMO DESENVOLVEU?		
	SIM	NÃO	DURANTE ESTÁGIO	SOZINHO (A) NA PRÁTICA	COM OUTROS PROFISSIONAIS
Busca a informação via eletrônica utilizando métodos variados					
Desenvolveu e aplicou projeto cultural					
Faz uso de CDD na catalogação					
Faz uso de CDU na catalogação					
Faz uso Tabela de Cutter/PHA					
Gerencia equipes					
Já se responsabilizou pelo desenvolvimento de coleção? (seleção, aquisição, descarte)					
Já aplicou suas experiências de vida na resolução de conflitos com usuário					
Teve que administrar algum conflito entre colaboradores					
Uso catálogo online na gestão do acervo					
Teve que decidir pela implantação de sistema automatizado					
Como se sentiu ao ter projeto importante negado pela chefia					
Já mudou de trabalho por insatisfação com as condições de trabalho					
Prestou algum serviço autônomo					
Realizou algum curso de capacitação antes de entrar mercado de trabalho					
Recebe estagiário					
Considera o estágio supervisionado adequado para desenvolvimento de competências					